Cinearte

ANNO IV

BEBE

Parece milagroso!

Num pequeno e branco comprimido, residem os segredos da tranquillidade do somno.

Quem se sente nervoso, excitado e fatigado? Os comprimidos Bayer de Adalina proporcionarão um somno são e profundo, garantindo, ao despertar, novas energias e nova alegria de viver.

Como está magrinha !

Quantas vezes essa phrase, dita sem a menor intenção desagradavel, com referencia a uma criança, vae ferir profundamente um coração de mãe!

E' muito máo habito esse, que muita gente tem, de reparar na gordura ou na magreza das pessoas com quem fala e o peor ainda é o dizel-o em tom de lastima.

Nem sempre o estar-se magro é indicio de saude fraca, nem a gordura é symptoma de robustez. Nas crianças, principalmente, a magreza é, ás vezes, consequencia do crescimento rapido; os elementos de nutrição, introduzidos no organismo, são por este aproveitados, mais no sentido da altura, provocando um desequilibrio entre esta e a espessura do tecido muscular. A debilidade provocada por esse desequilibrio passageiro, de transição, é facilmente corrigida com o uso da Candiolina Bayer, na qual o phosphoro e o calcio entram em dóses convenientes para prevenir quaesquer perturbações de saude, restabelecendo a harmonia organica.

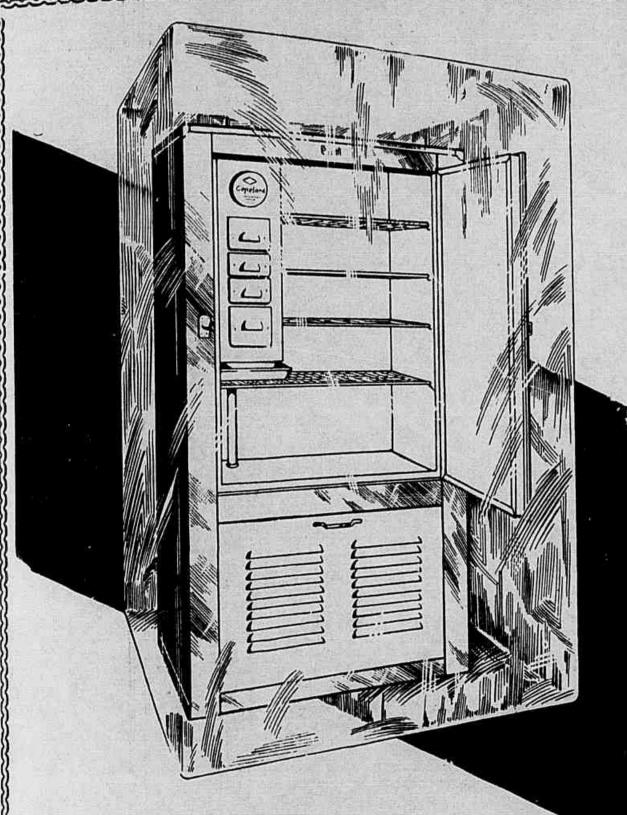
Uma ou duas *tablettes diarias*, de Candiolina — de gosto muito agradavel — constituem um fortificante poderosissimo.

Rheumatismo e rheumaticos

Ha alguns annos passados reuniram-se em uma cidade balnearia européa mais de duzentos medicos para discutir as causas e o tratamento do rheumatismo.

Falou-se muito, fizeram-se muitas communicações interessantes, porém, o problema therapeutico continuo, na opinião da maioria, o mesmo: — o tratamento deve variar conforme a causa da affecção, tendo sempre em conta corrigir a tendencia para a retenção dos uratos nas articulações e evitar que estes determinem alterações chronicas.

Afim de corrigir esta tendencia e determinar a eliminação dos uratos, combatendo a dôr que martyrisa a victima, não ha, actualmente, medicamento mais indicado pela classe medica do que a Fricção Bayer de Espirosal.

Estamos informados de que esse medicamento é encontrado nas boas pharmacias e drogarias de todo o paiz, sendo de esperar que se encontre tambem em todos os lares, taes as vantagens e indicações que apresenta.

Em meiados do mez de Dezembro, nas vesperas festivas do Natal, na imaginação das creanças anda a vôar um desejo, um anseio pela posse dos maravilhosos brindes que Papae Noel guarda no sacco de surprezas. Nenhum brinde, porém, é mais cobiçado do que o "Almanach d'O Tico-Tico". Este anno essa publicação vae exceder, quer na sua confecção material, quer no copioso e educativo texto, a dos annos anteriores. As mais bellas historias de fadas, os mais lindos brinquedos de armar, comedias, versos, historias, lições de cousas, tudo, emfim, conterá o primoroso "Almanach d'O Tico-Tico" para 1930, a sahir em Dezembro.

"CINEARTE"

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

Directores: MARIO BHERING e ADHEMAR A. GONZAGA
Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$ — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes, 40$

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida à Sociedade Anonyma O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO—Rio. Telephones: Gerencia: Central 0.518. Escriptorio: Central 1.037. Officinas: Villa 6.247. Succursal em São Paulo dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

LEIAM "Para todos", a melhor revista semanal.

MUDARAM-SE OS ESCRIPTORIOS DO "O MALHO"

Os escriptorios da Sociedade Anonyma O MALHO mudaram-se para a TRAVESSA DO OUVIDOR, 21, onde serão recebidas, com a attenção de sempre, as ordens de seus annunciantes, agentes e leitores.

As officinas, porém, como a Redacção das diversas revistas desta Empreza, continuam no edificio proprio da Rua Visconde de Itauna, 419, onde sempre estiveram.

O PRESEPE DO "O TICO- TICO"

A Companhia Dr. Scholl S. A., no seu luxuoso estabelecimento de artigos e para tratamento dos pés, na rua do Ouvidor, 162, continùa a expôr o maravilhoso Presepe de Natal do "O TICO-TICO", reproduzido na gravura acima. Assim é que, numa de suas bem organisadas vitrines, o magestoso presepe constitue curiosidade, aliás justificada, de quantos transitam pela aristocratica via publica.

O mais luxuoso
ANNUARIO DO
BRASIL
e o unico no seu genero
Retratos a côres e trichromias de todos os grandes artistas do Cinema.
FAÇA DESDE JÁ O PEDIDO do seu exemplar desta luxuosissima publicação, enviando-nos 9$000 em carta registrada, em vale postal, em cheque ou em sellos do correio.
SOCIEDADE ANONYMA
"O MALHO"
TRAV. DO OUVIDOR, 21
RIO
Cinearte
ALBUM
ESGOTADO em 5 ANNOS SEGUIDOS
Cinearte Album
1930

Nossas horas melhores são as que passamos em casa com os nossos entes queridos. — Alegrar estas horas com boa musica é prolongar esses doces momentos de culto á familia

Adquira um dos nossos apparelhos portateis "Mirakel" e uma collecção de discos "Odeon" e V. S. terá sempre audições sonoras, nitidas e fieis em qualquer genero de musica ou canto pelos melhores artistas nacionaes e estrangeiros. "Mirakel" é o apparelho superior a qualquer outro do mercado —

"Odeon" o disco de maior venda no Brasil

ODEON

Mirakel

Isenção absoluta do chiado da agulha

CASA EDISON: R. 7 SETEMBRO 90 — R. OUVIDOR 135 — RIO DE JANEIRO — CASA ODEON L.TDA R. S. BENTO 54 — SÃO PAULO

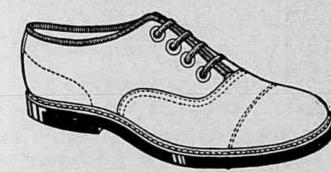
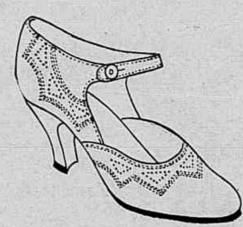
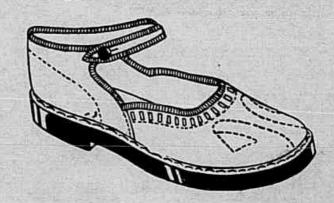
CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO" — Telephone Norte 4424

Superior pellica envernizada, ou preta, "typo Salomé", Salto baixo:
De ns. 28 a 32 . . . . . 23$000
De ns. 33 a 40 . . . . . 26$000
Em côr mulatinha mais 2$000.

32$ — Fina pellica envernizada, preta com fivela de metal, salto Luiz XV, cubano médio.

42$ — Em fina camurça preta.

Pellica envernizada preta, com naco, cinza ou beije, salto baixo:
De ns. 28 a 32 . . . . . 25$000
De ns. 33 a 40 . . . . . 28$000
Todo preto menos 2$000.

Fortes sapatos. Alpercatas typo collegial, em vaqueta avermelhada.
De ns. 18 a 26 . . . . . 8$000
De ns. 27 a 32 . . . . . 9$000
De ns. 33 a 40 . . . . . 11$000
Em preto mais 1$000.

37$000
Finissimos sapatos em superior couro naco Bois de Rose, com linda combinação de pospontos e furos. Luiz XV, cubano alto.

Superiores alpercatas de pellica envernizada, preta, typo meia pulseira, com florão na gaspea.
De ns. 17 a 26 . . . . . 8$000
De ns. 27 a 32 . . . . . 10$000
De ns. 33 a 40 . . . . . 12$000
Em naco, beige ou cinza, mais 2$000.

Pelo correio, sapatos, mais 2$500; alpercatas, 1$500 em par.

Catalogos gratis, pedidos a JULIO DE SOUZA — Avenida Passos, 120 — RIO

EMERAUDE
DE COTY
EMERAUDE DE COTY
..........perfume mysterioso e maravilhoso que exalta, amorosa e diversamente, a personalidade de cada mulher.

ANNO IV
NUM. 192

cinearte

30 de Outubro
de 1929

LOIS MORAN E NICK STUART

INTERESSANTE a iniciativa dos musicos de Cinema que recorrem aos poderes publicos para coagir os proprietarios dos salões de exhibição a manter as orchestras "quand même"...

O film sonóro trouxe esse inconveniente para os profissionaes de ir a pouco e pouco dispensando a sua collaboração.

E' natural.

As realizações mecanicas em todos os ramos da industria vão aos poucos se substituindo ao braço hum. no. E nem por isso os operarios reclamam do poder publico constranja os donos de fabricas a mantel-os desde que se tornem desnecessarios os seus serviços.

E' a lei fatal do progresso.

Em todo o mundo a crise é egual já o dissemos daqui publicando os numeros dos artistas que de uma hora para outra viram dispensados os seus serviços nos estabelecimentos de projecção de films devido á adopção dos "talkies" para materia de programma.

A intervenção do poder publico no assumpto é absolutamente injustificavel.

Que tem elle a ver com a economia interna dos Cinemas?

Como obrigar os seus proprietarios a manter uma orchestra que elles julgam perfeitamente dispensavel por isso que apenas representa uma fonte de despezas? Fosse a orchestra por suas qualidades uma fonte de attracção para o publico e nem um empresario faria a asneira de a dispensar. Por muitos annos o antigo Odeon manteve em sua sala de espera um grupo musical mais do que razoavel e por isso os seus salões regorgitavam. Gente havia que comprava a entrada e ficava por ali a escutar o repertorio da orchestra acabando por sahir sem ver os films do programma.

O mesmo, porém, não se dava com as orchestras dos differentes Cinemas da cidade actualmente

Tòdas ellas estavam absolutamente abaixo da critica.

Não poucas vezes reclamamos nós não poucas vezes publicamos reclamações dos nossos leitores contra o desleixo com que eram confeccionados os programmas, sempre com as mesmas musicas batidissimas e a brigarem com as situações que se desenrolavam na téla.

A essas queixas, a essas reclamações correspondeu sempre a indifferença dos responsaveis por essa situação.

Elles estavam serrando de cima... Além disso, mercê de uma associação de classe chegavam até a impôr o numero de musicos aos proprietarios de Cinemas.

Se um desejava uma orchestra com cinco elles impunham dez.

— Mas eu só posso gastar cem mil reis por dia — gemia o empresario apavorado ante o deficit do seu orçamento.

—Nós temos musicos de todo o preço, respondiam os directores da tal associação de classe. Se só pode gastar cem mil reis por dia, fornecer-lhe-emos dez musicos a dez mil reis cada um. Mas tem de ser dez. Está no regulamento.

E de facto lá appareciam dez arranha-ouvidos, dez espanta-gatos, dez pragas de corda ou sopro que arrazavam os nervos dos espectadores durante as exhibições, por horas e horas, inexoravelmente. Essa era a situação mal dos Cinemas do Rio de Janeiro ao apparecer o film sonoro.

Querer que o empresario que arcou com despezas enormes para montar os carissimos apparelhos de projecção dos "talkies"., que se sujeita a passal-os mediante 50 por cento dos lucros para o locador, mantenha apesar disso tudo uma orchestra que absolutamente lhe não é necessaria, é um absurdo innominavel.

Querer que os poderes publicos intervenham no assumpto para constranger a pratica desse absurdo é buscar impellil-os a violencias que só podem redundar em maior encarecimento no preço das entradas, isto é em maiores sacrificios para o publico. E contra isso nós nos insurgimos e protestamos.

O Cinema, de espectaculo popular que era já se vae tornando divertimento de luxo. E se perder a popularidade que dependia em grande parte da modicidade dos preços, pouco tempo lhe restará de vida. O preço commum já é o de cinco mil reis...

Cinema Brasileiro de Pedro Lima

Precedido de muita reclame, e de maior sympathia ainda por se tratar de um esforço brasileiro, "Acabaram-se os Otarios" teve como maior factor, de successo, a curiosidade de ser afinal o primeiro film falado que seria verdadeiramente entendido por todos.

Na verdade, antes da estréa do primeiro film da Synchro-Cinex no Theatro Santa-Helena de S. Paulo, que se deu no dia 2 de Setembro, já aqui no Polytheama, em 26 de Agosto, era exhibido o primeiro film do C. N. E. intitulado "Casa de Caboclo".

Mas, não só este como todos os outros films do C. N. E., não se poderiam comparar nem ser tomados a serio, como verdadeiros films. Como experiencia, para exhibições em familia, poderiam ser curiosos. De interesse relativo, como estes de Pathé Baby...

Por isso mesmo, nem os discos illustrados do C. N. E. nem os da Benedetti, nem outros que porventura existam nas mesmas condições, podiam ser tomados em consideração. Mesmo porque não satisfaziam a curiosidade do publico.

Dahi, a ansiedade suscitada pelo primeiro film falado em nosso idioma. No emtanto "Acabaram-se os Otarios" não deixou de ser uma grande decepção para o publico. A começar pela sua estréa no Cinema Rialto, que marcada para o dia 23, foi a ultima hora, quando já os espectadores enchiam a sala de espera, transferida para o dia 26. Mas tambem como film.

Porque "Acabaram-se os Otarios", não é um disco illustrado. Sempre apresenta alguma historia. Tem interpretes, pode-se julgar a direcção. O scenario. Tem sequencias servindo de illustrações a discos especialmente gravados para ellas. E é justamente como film que mais deixa a desejar.

Nem parece um film dirigido por Luiz de Barros, que afinal de contas, com "Hei de Vencer", "Zero Treze" e outras producções ia melhorando sempre.

A direcção falha completamente.

O fio da historia, se fosse regido dentro de um scenario, e tratado com espirito mais fino, fazendo graça com as situações e não valendo-se de piadas e anecdotas já conhecidas, tambem valorizaria mais o trablho da Synchrocinex.

E é pena.

Os typos creados por Genesio Arruda e Tom Bill, nem ao menos são originaes. São copias dos comicos Pat e Patachon, autores de varias comedias de longa metragem, insupportaveis. Nem são caracteristicos. E como artistas nota-se apenas um esforço formidavel de acertar. Ha a preoccupação da camera e a interpretação mais theatral e menos natural de quanto já vimos nos films brasileiros.

Não se lhes deve censurar por isso, mas á falta de direcção...

Vicente Caiaffa... Tambem não vale a pena commentar. Apenas como typo não vae tão mal.

Gina Bianchi e Rina Weiss. Nem pr'a fazer graça.

Em compensação, no cabaret apparecem como extras Margaret Edwards e Miss Florinda... Paraguasú canta umas cantigas regionaes que agradam e o synchronismo as vezes está certo. Outras vezes, não está.

Questão de fobação de filmagem. De falta de cuidado. De precipitação.

Luiz de Barros teve discos gravados especialmente para elle na scena do cabaret. E tambem lá a synchronização deixa a desejar.

Mas por este lado, "Acabaram-se os Otarios", mesmo assim é acceitavel e merece ser encorajado. E' um esforço brasileiro e serve para provar as nossas possibilidades e o genio inventivo que todos nós temos no Brasil. Ou como disse Benjamin Costallat na sua chronica sobre o film:

"Os grandes industriaes americanos deveriam comprar o cerebro dos inventores brasileiros. Só assim elles poderiam estar seguros do dia de amanhã e do preço constante dos seus productos".

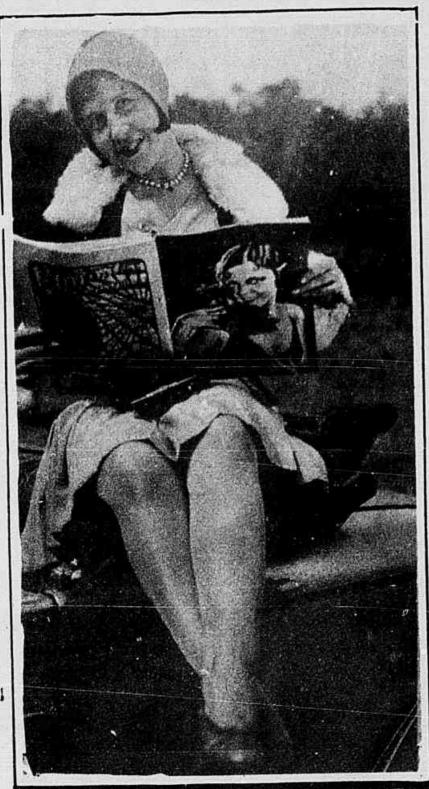
ACABARAM-SE OS OTARIOS

Porque, aqui como diz ainda o chronista do "Jornal do Brasil":

"O operador nacional é, talvez, o melhor operario do mundo.

Não se contenta em ser apenas o dente frio de uma engrenagem como o operario americano. Possue sempre a visão de conjuncto do trabalho que executa. Não se "standartisa". Tem personalidade. Este o lado acceitavel do film. E não a concepção cinematica, e as graças de depennar gallinha com gillette...

O que não podemos deixar de censurar é o S. Paulo de fundo de quintal que o film mostra.

Depois daquelle film reclame do "Marajah que veiu ao Rio", foi este o que apresenta a maior

DIVA TOSCA, UMA DAS ESTRELLAS DE "AS ARMAS", LENDO "CINEARTE" NUM INTERVALLO DE FILMAGEM

falta de criterio na escolha de locaes. E por ambos estes films, Luiz de Barros é o responsavel.

A parte photographica, a cargo de José Del Picchia está boa. E' uma das melhores photographias que temos visto nos films brasileiros.

Aproveitando todos os elementos aproveitaveis que Luiz de Barros disperdiçou, fariam de "Acabaram-se os Otarios" um film de verdade. Pelo menos seria melhor do que muitos films americanos. "Um Rapaz de Sorte", por exemplo, fez sahir muito mais gente antes de terminar a sessão.

Luiz de Barros jogou fóra uma optima opportunidade de apresentar alguma cousa realmente de valor, um film de agrado e verdadeiramente um film...

Talvez fosse demasiada preoccupação de apresentar um film falado. E o facto em si, de ser falado e a unica qualidade que tem. Vamos ver se no segundo, L. de Barros cuidará mais de cinema.

"VENENO BRANCO" foi o outro film que encheu a semana de 26 do corrente, estreiando no Theatro Phenix ao mesmo tempo em que no Rialto, era dada a primeira exhibição de "Acabaram-se os Otarios".

Para este film existia tambem uma certa curiosidade artistica, pois seu realizador L. Seel, ia mostrar um novo genero de montagens em miniaturas pintadas. Se elle tivesse exito igual aos seus desenhos de "Brasil Animado", não resta duvida que teria dado um grande passo na nossa cinematographia. Mas L. Seel não se sahiu bem da empreitada. Nota-se perfeitamente a super-posição das figuras, dando assim a nitida idéa dos fundos pintados.

Depois, são chocantes, os interiores de verdade, em comparação com as montagens pintadas, tão ricas parecem ser estas, creadas pela fantasia dos seus desenhos quanto pobres as outras, e até, mesmo, anti-photogenicas.

O scenario do film não pode ser tomado em consideração, porque não existe. O film dá saltos, muda de sequencias sem a menor ligação, não estuda caracteres, não tem tempo, acção, nem se desenvolve naturalmente. Seel, quando ainda não iniciara a confecção do film, disséra que elle iria defender uma these, contra o uso dos entorpecentes. Que iria fazer uma cousa completa, com estatisticas e comprovantes. E que este film seria uma cousa limpa. Um film branco. Garantiu isso depois, sob a sua palavra de honra...

E o film seria mesmo um film branco, se para a sua exhibição não fosse exigido a intercalação de umas mulheres desnudadas. Aliás, antes foi exhibido como justificativa um filmzinho de desenhos do proprio Seel, mostrando a evolução da mulher núa na arte. Para sophismar a reclame e preparar o espirito do publico. Não está mal feito, mas mulheres que apparecem no film (Veneno Branco) e a forma como apparecem é que não revela o menor senso de arte, e é de uma sordidez que dá pena...

Mas é a tal cousa. Ninguem queria passar "Veneno Branco" por que elle não tinha veneno. Nem como film poderia ser programmado, porque a sua confecção não correspondia a moderna technica do Cinema. Não era o que se deveria esperar do Cinema Brasileiro actual.

Então surgiu o Phenix. Um theatro abandonado que passou a ser Cinema de temporada, com exhibições de films scientificos e immoraes. A succursal no Rio do Triangulo de São Paulo. E foi aconselhado por pessoas de criterio duvidoso, talvez, que Seel resolveu faltar aos seus compromissos...

Elle que já demonstrára tão boa vontade em manter o nivel moral do nosso Cinema, substituindo interprete que não poderia illustrar as paginas de uma revista sem commenarios desairosos...

Assim como evitou isso, refilmando tantas scenas, com sacrificios, poderia ter evitado fazer de um film branco, outro para exhibições especiaes e duvidosas.

Mesmo porque, os dirigentes de "Veneno Branco" commetteram um abuso de confiança inqualificavel. Serviram-se da boa vontade de algumas pequenas honestas, que se prestaram em collaborar como extras no film, por ser um trabalho serio, e, abusando da confiança que ellas depositavam, tornarem o film improprio conservando-as no elenco.

Isto não é direito. Não é decente. "Veneno Branco", além disso, é uma producção fraca.

A estrella é Olivette Thomas, que diz ter posado em varias fitas americanas que ninguem não viu, e foi artista de muitas companhias que nunca tiveram seu nome no elenco.

Em todo o caso é uma estrella estrangeira. Que se reputava superior a todas as estrellas nacionaes, que ella propria dizia decepcionar ao

(Termina no fim do numero).

Sangue Mineiro

CINEMA BRASILEIRO!

E' FILM SILENCIOSO
E BRASILEIRO...

E' O QUARTO FILM DIRIGIDO
POR HUMBERTO MAURO.

O BRASIL PRECISA TER
O SEU CINEMA.

CARMEN
SANTOS
E MAURY BUENO

O IDEAL DE MAXIMO SERRANO

(De BARROS VIDAL, especial para "Cinearte")

Nesta vida que a gente vive, se debruçando sobre a alma alheia e espiando o intimo de cada um, o que vemos é, quasi sempre, differente do que sentimos... Mas Maximo Serrano, uma das mais vigorosas expressões da Cinematographia Brasileira, que a nossa insaciavel curiosidade de reporter abordou, numa destas manhãs de sol, não nos proporcionou essa impressão tão sensivel o equilibrio que se lhe nota entre as attitudes exteriores e os sentimentos intimos, tão crystalina a simplicidade e tão natural o desprendimento que d e l l e emanam. Com essa quasi timidez que caracterisa os homens simples elle nos recebeu, os braços abertos, abrindo-nos a alma tambem sem vacillações, sorrindo e pondo-se a disposição de "Ciarte"...

Maximo e Maury Bueno em "Sangue Mineiro"...

* * *

Maximo Serrano, na vivacidade dos seus olhos verdes, é bem um daquelles sonhadores medievaes que atravessaram seculos e civilisações e vieram para este mundo de realidades amargas soffrer um pouco destas desillusões e desenganos... O sorriso do menino que ainda não comprehende a vida e a simplicidade do velho que a comprehende demais — Maximo Serrano, realizando o paradoxo desses extremos, realiza o milagre de povoar a imaginação de quem priva com elle pela primeira vez, de uma porção de lendas que nos contam a historia de um amôr que nunca foi comprehendido...

E com essa mesma simplicidade do velho que elle ainda não é e esse mesmo sorriso do menino que elle já foi, Maximo Serrano, transportando o pensamento para muito longe, respondeu:

— Obsessão! Sempre, sempre sempre a minha preoccupação absorvente foi o Cinema. Creança ainda eu já sonhava com o Cinema, inclinação irresistivel que me custou os mais duros castigos...

Outra pergunta nossa e a resposta, rapida, de Serrano:

— Era mais facil eu saber o nome do artista que trabalhou nesta ou naquella fita, do que a minha lição! Jornal ou revista que me cahisse nas mãos com alguma photographia ou referencia ao Cinema, era cortada e pregada no meu album a parte que me interessava. Assim vivi toda a minha infancia...

Sorrindo:

— Namorando as estrellas do céo para aprender a namorar as do Cinema...

* * *

Ao milagre da imaginação, a força humana mais poderosa que nos assiste, Maximo Serrano, nos transportava, agora, para Cataguazes, terra onde o Cinema Brasileiro tem uma das suas guardas-avançadas: a "Phebo-Brasil-Film", sem sahirmos dali, daquelle pittoresco recanto de jardim onde conversavamos... E em Cataguazes pelo pensamento, a attenção presa ao que elle nos respondia, ouvimol-o:

Barros Vidal, de "Cinearte", ao lado de Maximo Serrano no dia desta entrevista.

— Eu trabalhava em Cataguazes numa uzina de electricidade, tranquillo e inteiramente despreoccupado. Só não era feliz porque não podia ir ao Cinema todas as noites...

— Sim...

— Um dia, continuou, apresentaram-me a Humberto Mauro, que gosava o maior conceito na cidade, pelas tradições de sua familia, pelo seu cavalheirismo e sobretudo pela sua generosidade.

Assim, Maximo Serrano foi contando que, certa tarde, com grande surpreza ouviu Humberto Mauro dizer que elle no Cinema faria successo.

— Eu? Eu?!... batendo no peito, attonito, todos os sentidos desordenados, indagou Serrano.

— Sim, você mesmo...

Nessa noite Serrano não dormiu. Sonhou. Mas sonhou os sonhos mais perigosos: os de olhos abertos. Uma semana, um mez, dois mezes a fio ouviu de Humberto Mauro a mesma referencia-esperança, a mesma phrase-consolo... E começou, então, a en-

fronhar-se na Cinematographia, ali em Cataguazes em pleno desenvolvimento, pois Humberto Mauro ultimava a filmagem de "Primavera da Vida".

— Quando surgirá a primeira opportunidade? Indagou, afinal, Serrano, vencido pela resolução de realizar o seu mais formoso sonho. Humberto Mauro disse-lhe que chegaria dahi ha um mez. E chegou...

A emoção a tremer-lhe a voz e a illuminar-lhe os olhos de extranho clarão, Maximo Serrano continuou:

— Não avalia como me senti feliz, tomado de orgulho quando entrei nos Studios da Phebo para "posar"... Era tão grande a alegria advinda da minha felicidade que me sentia triste, timido, acanhado!...

E Serrano descobriu aos nossos olhos uma porção de detalhes da sua accidentada estréa. Timido ao extremo, sentiu-se deslocado naquelle meio, proporcionando aos outros esplendidos espectaculos! E Humberto Mauro, castigava-lhe a timidez fazendo-o repetir scenas. E elle, uma onda de alegria a banhar-lhe o rosto:

— O meu baptismo de "camera" foi cruel, mas venci!...

* * *

— Seu primeiro trabalho?

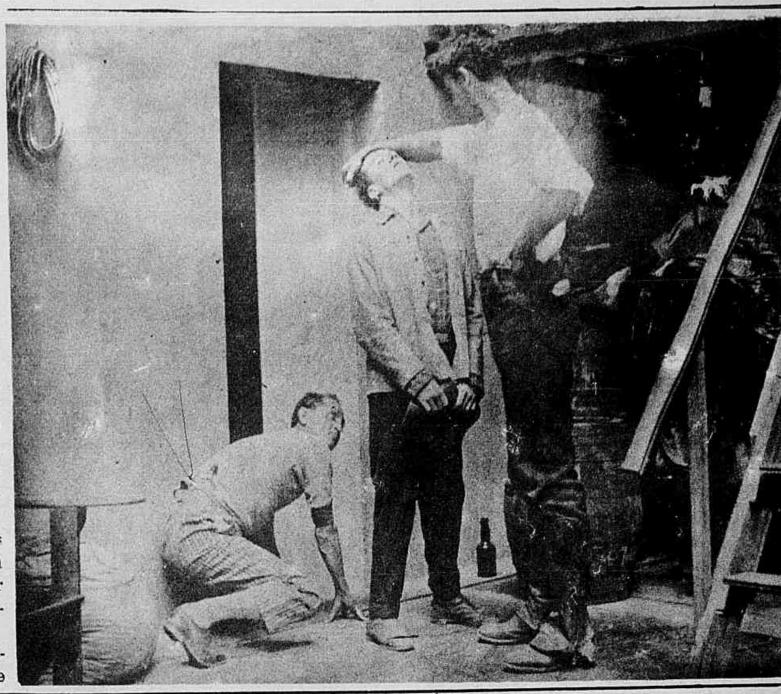
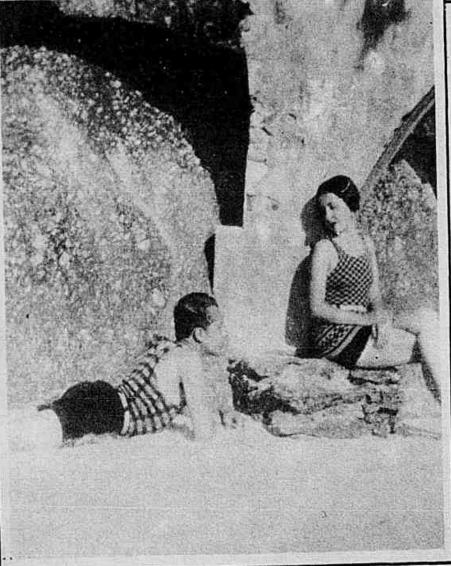
— No film "Thesouro Perdido"...

E historiou o drama que viveu naquelle tempo, dadas as difficuldades que enfrentou para conciliar as duras contigencias da vida com as doces compensações do Sonho!

Toda hora que conseguia furtar ao serviço que lhe dava a subsistencia — empregava-a na filmagem, enfrentando as mais arduas provações e se expondo ás mais amargas provas, o pensamento voltado para o ideal que começava a concretizar-se.

Assim, contando pelas scenas em que "posou" os sacrificios que fez Maximo Serrano viu num deslumbramento, terminado o seu primeiro film. E esse triumpho levou-o a desprezar todos os interesses terrenos da situação que desfrutava onde trabalhava para se entregar, embriagado de alegria, áquelle sonho! Sabia que era uma loucura, mas a gloria intima de ser louco por um ideal tão bonito lhe illuminava todos os pensamentos e lhe punha clarões nas trevas da estrada do Futuro por onde ia caminhar...

Embalde a familia rodeou-o de conselhos; em vão quizeram arrancar-lhe a alma daquelle sonho bom. Tentaram apagar-lhe dos olhos o que chamavam sombras mas que eram claridades... Tudo inutil... A vertigem daquella inclinação envolvera-o, arrastando-o para a sua grande felicidade!...

Na praia, com Carmen Santos, quando se filmava "Sangue Mineiro".

Em "Braza Dormida".

Numa scena de "Thesouro Perdido".

E elle, uma mancheia de sentimentalismo nas palavras sentenciosas:

— Nós não somos o que queremos ser...

Rindo: — Sómos o que o Destino quer que sejamos!...

E abrindo a cigarreira de prata: — Mas eu tive a sorte de casar a minha vontade á vontade do Destino!...

* * *

— Como se deu na sua "feliz" loucura?

Maximo Serrano respondeu com a maior naturalidade:

— Melhor do que quando tinha "juizo"...

E explicando-se melhor:

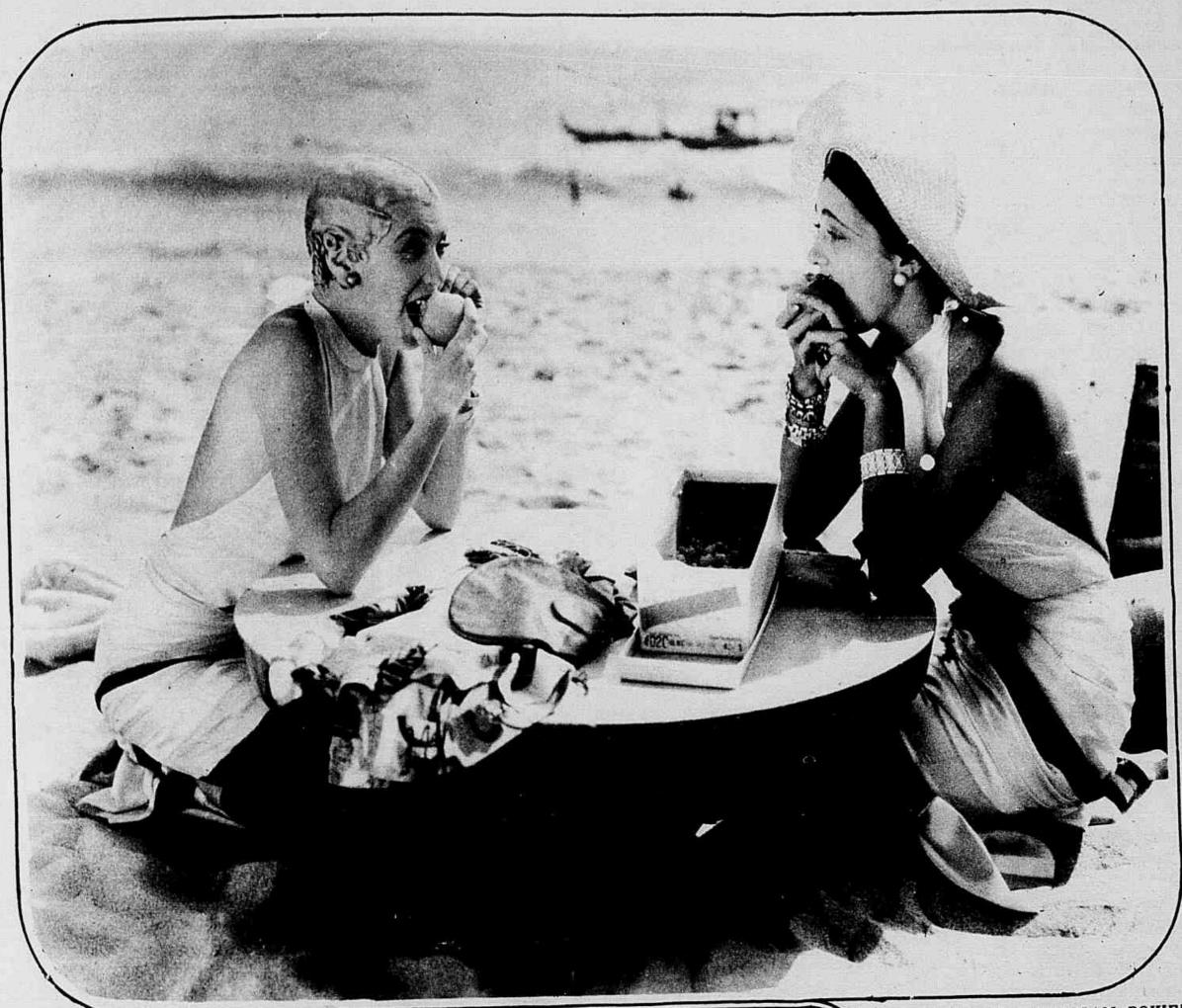
— Amparando-me moral e materialmente Humberto Mauro me deu fortes estimulos para proseguir na realisação do meu sonho. E nisso tudo eu só tinha um grande aborrecimento: a minha familia nao comprehender o alcance da minha teimosia, da minha obstinação!...

Uma pausa na qual, parece, Serrano mergulhou o pensamento nos longes dessa triste recordação e nós o assaltamos com nova pergunta: — Depois de "Thesouro Perdido"?

— "Brasa Dormida" — meu caro! Trabalhei com enthusiasmo, com extrema bôa

(*Termina no fim do numero*)

Religião do Amor

FILM
BRASILEIRO
COM
STELLA MAR
GINA CAVALLIERE
E RAUL SCHNOOR.

LILYAN TASHMAN e KAY FRANCIS...

FAY WRAY e WILLIAM POWELL...

Pergunte-me Outra

BREAKWAY (Rio) — Você não sabe brasileiro, mas eu não posso responder as cartas em inglez. Demais, você tambem não parece saber inglez...

BEAN GESTE (Recife) — Sorôa, N. Ney e Gracia, aos cuidados desta redacção.

J. M. FERNANDES (Barreto) — Muito bem, mas apreciarei mais a sua opinião depois de ver o film. Não se esqueça.

SORRINDO SEMPRE (P. Alegre) — Com toda a certeza.

PAIXÃO E SANGUE (S. Salvador) — Em geral, da segunda forma. Não tenho a idade delle. Ainda não sahiu a critica. Joe Bonomo continua em Hollywood e a apparecer nos films. Não tem visto?

ABA' (Bahia) — 1º Está retirada do Cinema e foi para Europa. Emfim, vamos ver. 2º Já se pensa em montar algum apparelho, ahi?

PELOTIQUEIRO (Alagôa Grande) — 1º Não recebemos. 2º Sim. 3º Não tem sido mais convidada. 4º Olympio, 5516, Fountain Ave, Hollywood, California. "Fome" já está terminado e parece que terá a sua primeira em S. Francisco. 5º M. G. M. Studio, Culver City, California.

AJAX COSTA (S. J. Nepomuceno) e INDIO AFFONSO (Goyaz) — Foram archivadas as photographias.

C. ROGERS (Ouro Prêto) — Nancy, Paramount, Marathon Street, Hollywood, California. Ainda não se casaram. São noivos... Marceline, solteira.

A. MEGALE (Ouro Fino) — Obrigado. Mas a campanha ainda não está completa. E esses que falam acabarão mudando de opinião.

ROSTINHO DE ANJO (B. Horizonte) Não tenho a de nenhum desses. "Irmãos na luta, irmãos no amor", oito pontos.

L. D. (Pernambuco) — Que photographias? Não me lembro disso. Charles, Fox Studio, Western Ave, Hollywood, Cal. John, M. G. M., Culver City, California. Não exaggere, assim, L. D., calma...

V. AMARAL (R. Preto) — A sua photographia foi archivada.

A. J. FERREIRA (Ouro Preto) — O Gonzaga agradece.

ANTONIO (S. Paulo) — Se houvesse, chamal-o-iam.

L. BECKERMANN (Petropolis) — Foi archivada.

PAPAGAIO (Rio) — Nada disso, tenho muito prazer nisso. E' que as cartas são muitas e o tempo escasso. 1º Não sei. 2º Uma creatura interessantissima. Não é bonita, mas attrahente. Simples. Indifferente ao mundo. 3º Ambos, M. G. M. Culver City, California.

JOÃO DO MALTE (Curityba) — Todas as cartas são respondidas.

YONE TORRES (Rio) — Alguns desses, já sahiram. Sim, a Benedetti-Film fará films falados. Lelita é paulista. Volte, quando quizer, Yone.

A. GARGANO (S. Paulo) — Phebo Brasil Film, Cataguazes. Metropole Film, R. Florencio de Abreu, 28, S. Paulo.

MULHER ENIGMA (Pernambuco) — 1º Já sahiu e vae sahir mais. 2º Lupe Velez. 3º Quando a obtivermos. 4º Conheço Lia pessoalmente mas não me lembro da côr dos seus olhos. 5º Ambos.

AD. de R. CORTEZ (Maceió) — 1º Sim, Pola divorciou-se. 2º Lia talvez seja a estrella de uma edição hespanhola da "Ré Mysteriosa" para a Metro Goldwyn. Olympio terminou "Fome". 3º Não. 4º Raul Schnoor é o galã de "Religião do Amor". 5º Ainda não, mas... Quem sabe a vida delles?

OLAVO (Rio) — Já pensamos, nisso. Mas apenas poucas cidades o conhecem, não é?

PEDRO GALEAZZI (S. Paulo) — São preferidos os candidatos residentes no Rio.

DE SÃO PAULO

(DE OCTAVIO MENDES, CORRESPONDENTE DE "CINEARTE")

Pelas mais bonitas vitrines de São Paulo, ha semanas, o publico desfila, admirando as photographias coloridas dos protagonistas e de scenas da fita Brasileira "A Escrava Isaura". E essa curiosidade natural de um publico que anda exhausto de inglezadas, vae, finalmente, ser satisfeita.

A sala vermelha do Odeon exhibil-a-á. E, assim, após uma intensa embora atrasada propaganda, exhibe-se, em publico o esforço de um productor corajoso e ousado. Izaac Saidenberg, um homem que, auxiliado, ainda será um dos Zukors da nossa terra.

Ainda não vi o film. Vel-o-hei, com o interesse que em mim despertam as fitas da minha gente, na forma em que gos to de aprecial-as: envolvido com o publico. Ouvindo-lhes os commentarios. Phrases soltas que, ás vezes, bastam para anathematizar um film...

Por gentileza de Marques Filho, director, do film, assisti, ha tempos, alguns trechos esparsos da pellicula. E, pelos "rushes" não se póde julgar uma fita.

No emtanto, na praxe habitual, para aqui transporto as opiniões dos meus collegas dos jornaes daqui.

As opiniões de J. M. R. e J. Canuto, divergindo em alguns pontos, concordam com um que, aliás, foi desde o principio, aqui mesmo emittido o meu e, o qual, tambem é o de Marques Filho que, confessa, teria preferido começar com uma producção moderna. E' o caso da escolha do romance de Bernardo Guimarães. J. M. R., que confessa só ter assistido 5 partes do film, critica, ainda, o ponto de choca o publico, pela apresentação, mais ou menos sophismavel, da ligação entre uma escrava e o seu senhor. E, ainda, embirra com um fogão de inverno collocado em scena. Mas termina, apesar de só ter visto 5 actos, concluindo que é o melhor film Brasileiro até hoje apresentado.

J. Canuto, novamente, censura uma má adaptação para o Cinema, referindo-se á deste film. Acha que Alfredo Roussy é o melhor do elenco e elogia a quéda de Marques Filho para dirigir films com grandes vantagens. Achou, ainda, que o film e todas as suas sequencias se arrastam como se jungidas estivessem á cadeias de escravatura...

Izaac Saidenberg, segundo declarou, além de distribuir o film por conta propria, o que representa, como Pedro Lima e eu já consideramos, um grande successo, vae exhibir o film no Rio de Janeiro e, em seguida enviará um representante com uma copia para o sul e outra para o norte. Indo, simultaneamente, outras para a Argentina e Portugal. Isto é bôa e sã orientação, sem duvida. A qual, ademais, trará do estrangeiro, melhor situação para nós. E ainda, ha um consta de que o mesmo productor pretende entrar para o terreno dos films falados, tambem...

O film silencioso, Jesus Martyr trahido por Judas Vitaphone, Pedro Movietone, não morreu, como parece. Commentando o successo incalculavel do film "silent" de Jack Conway, "Our Modern Maidens", o "New York Times" diz que nenhuma falação teve, ultimamente, successo que se compare ao deste film de Joan Crawford.

Isto não deixa de ser curioso. Porque, aqui no Brasil nós estamos revoltando contra um film todo falado em inglez, é cousa natural e explicavel. Mas, nos Estados Unidos preterirem um film "silent" á um "talkie" é que causa a mais legitima admiração.

E' que esse mesmo publico que já se inebriou com o perfume de um desses poemas de celluloide que o são as obras de mestre dos grandes mestres, não póde permittir que os ouvidos supplantem os olhos. Pela razão racional e insophismavel que nos mostra quanto os olhos se acham mais pertos da alma do que os ouvidos...

Este ultimo anno tem sido prodigo em avanços de progressos continuos na Cinematographia. Os "talkies", dia a dia, melhoram. Chegarão á perfeição, sem duvida. E, agora, New York, acaba de estréar o processo "grandeur". Isto é, o film das 3 dimensões. Isto, mais uma vez, deve trazer ao publico Brasileiro a convicção de que o Cinema Nacional é uma necessidade. Porque essas invenções, embora maravilhosas, realmente, custam fortunas immensas e pertencem, quasi sempre, á "trusts" prepotentes. E o Cinema do Brasil, com o tempo, tambem ha de ter a sua 3ª dimensão e o seu 1º logar na escolha do nosso publico...

Os Cinemas do Commendador Martinelli, com o "Alhambra" acabando de inaugurar os seus apparelhos "Photofone", passaram á fixar o preço de rs. 5$000. Justamente na epoca em que o Odeon os conserva em 4$ e 3$ respectivamente. Não me parece justo.

Relevando notar que o "Alhambra", mesmo a 3$ já deu bons lucros... Emfim, como dizem que os millionarios são "completamente" ás avessas, segundo Stan Laurel e Oliver Hardy...

BEIJO PURO QUE UM ANJO DEU NUM LYRIO...

Annuncia-se para "breve" o film de Luiz Seel, "Veneno Branco", com reclames genero triangulo e com a suggestiva phrase da censura "impropria" bem em relevo. Naturalmente, será seu exhibidor, o respeitavel antro da rua 15...

Contrariando o boato de semanas atraz, sabe-se, com certeza, que o Cinema novo da rua Conselheiro Brotéro, esquina com Palmeiras, será o "Cine Santa Cecilia", ficando, pois, o Royal no seu querido logarzinho.

FILMS:

"INNOCENTES DE PARIS" (Innocents of Paris) Paramount.

O notavel e mundialmente afamado Maurice Chevalier, com este film, apresenta-se ao publico Brasileiro.

E' um dos raros artistas de fama e vóz que, realmente, tem dotes artisticos recommendaveis. Sendo mesmo de se lastimar que ha mais tempo, já não esteja no Cinema. Tem "it". Graça espontanea. Sympathia contagiosa. Canta sem voz mas com grande vivacidade.

E' mais um espectaculo de agrado immenso para os ouvidos. Sendo que para os olhos, só temos certas scenas de Chevalier, o notavel garoto David Durand e a adoravel Margaret Livingston.

Richard Wallace não parece que dirigiu "Anjo Peccador". E Ernest Vajda, que adaptou e escreveu dialogos, nem parece que fez a continuidade de "Serenata"...

ESCANDALO (Scandal) Universal.

Laura La Plante em um film que não annuncia a sua voz... de outra e que, sem o gosto e a reclame barulhenta de "Bohemios", é-lhe, apesar de ser um filmzinho e nada mais, 1000 vezes superior.

A historia, da lavra da conhecida Adelia Rogers St Johns, é corriqueira. Salvou-a a direcção de Wesley Ruggles. E' um film 30% falado. Mas, embora ache intoleravel um espectaculo com film falado em inglez, devo constatar-lhe a impressionante nitidez e as novidades notaveis que offerece quando apanha aquelles cochichos de maledicencia e aquella praia distante...

Laura está lindinha. E representa excellentemente. Huntley Gordon, um dos veteranos do Cinema, tem... voz. E John Boles, mostrando, num pequenino trecho, que tem uma lindissima voz, vae admiravelmente bem. Particularmete quando dá aquelle beijo em Laurinha...

Jane Winton, excellente. E, mais uma vez, as guitarras hawaianas encantam num idyllio de seducção... Temo que isto acabe por affirmar que, perto e naquellas ilhas, não possa haver uma mulher de reputabilidade immaculada...

CHRISTINA — FOX.

Janet Gaynor... Beijo puro que um anjo deu num lyrio... Você é mais suave do que um balsamo do céo. Pequena feita para ser tida dentro dos braços e acariciada com desvelo sem fim, soffre e soffre tanto... Eu quero tanto bem a você. E' isso mesmo. Quero bem. Se me sinto mal quando contemplo Clara Bow e se

(Termina no fim do numero).

Myrna Loy. Todo o mysterio e belleza de um sonho bonito... Bruxa de feira. Exotica. Differente. Boneca de biscuit. Olhos de agua parada.. olhos de amor, côr da felicidade! Myrna Loy. Originalidade. Bizarrice, seducção. Lenda medieval... Salomé de Luini... com cheiro de museu. Estatueta gothica de Amiens. Esphinge que fugiu da lenda. Fumaça de um cigarro perfumado, queimando ao som de uma melodia mystica, embriagadora... Myrna Loy. Flor de estufa. Bocca de cereja madura... Pirata de corações...

GRAND PRE é uma tranquilla e pittoresca villa da Nova Escossia, na qual, vivendo em companhia do velho pae, Benedict Bellefontaine, a formosa Evangelina é de todos estimada pelas suas grandes prendas moraes. A situação de fortuna do pae, o mais rico e idoneo fazendeiro de toda a região da Acadian, não consegue deslustrar esses predicados naturaes da moça que, antes, por isso mesmo, talvez, mais opportunidades tem de mostral-os sem proposito de para si chamar as attenções.

Baptiste, filho do tabellião, deixa-se encantar de modo mais impressionante com a belleza e a bondade da filha do fazendeiro, dedicando-lhe um amôr que se revela extremo com o pedido que faz a Evangelina de acceital-o como esposo.

Evangelina enternece-se, na sua grande delicadeza de sentimentos, com o amôr de Baptiste. E'-lhe muito grata, mas, embora estimando-o bastante, não póde acceitar-lhe a proposta por já pertencer seu coração a Gabriel, filho de Basil, o ferreiro da aldeia.

Os dias para Evangelina começam ao anoitecer. E' a essa hora de sonho e poesia que Gabriel, de volta da pescaria, volta á sua convivencia, detendo-se horas esquecidas num dado logar de encontro habitual onde a sós, protegidos pelas folhas de uma vegetação rica, podem entregarem-se livremente aos seus apaixonados devaneios.

Como a vida lhes sorri!... E com que ansiedade esperam elles chegar o dia em que o bondoso cura da villa, o padre Felician, os unirá em matrimonio eterno!...

E' chegada para os dois jovens enamorados a grande primeira emoção: o musculoso Basil e o respeitavel Benedict concordam com o casamento dos filhos e instruem ao tabellião René le Branc para que lhes arranje os papeis legaes.

Mas a esse tempo uma nuvem de tristeza esmaece o sol de alegria, que parece eterno, da tranquilla aldeia da Nova Escossia. França e Inglaterra se declaram guerra uma a outra! E os "acadians", se por um lado estão presos á Inglaterra, por fidelidade de subditos voluntarios que dellas se fizeram, por outro lado a França lhes acena com o mesmo sangue que corre nas veias delles proprios.

O governador geral não comprehende bem as razões de taes escrupulos e ordena, por isso, a mobilisação de todos os homens validos e em idade de guerra, contra a França. A recusa, serena mas formal, parte de todos os "acadians". O governador geral se irrita, impreca e ameaça, terminando por ordenar o deportamento geral da população!

Os paes dos jovens noivos parece não participarem das apprehensões publicas. Fingem-no, pelo menos. Basil e Benedict promovem uma, grande festa para a communicação official do noivado de Evangelina e Gabriel.

A festa, em sua maior animação, possue sinceramente todos os corações. Ninguem pensa nas ciladas do destino armando o braço desabusado do governador geral. Surpresa e desapontamento dos maiores, portanto, como é natural, occasiona a entrada da soldadesca ingleza nos salões festivos, com a ordem expressa de prisões de todos os homens.

Se a confusão é grande, menor não é a excitação de animos.

Resistir?... A casa do padre Felician é feito prisão. Os soldados são rispidos e quasi brutaes, a que concorre, dia a dia, para maior exasperação dos prisioneiros, já inclinados á rebellião.

O bom do cura é que os demove disto, assegurando-lhes que tudo terminará bem.

Noites de angustia e de intimas revoltas suffocadas no peito dos "acadians", emquanto os inglezes, indifferentes e sobre

FILM DA UNITED ARTISTS

Evangelina	Dolores Del Rio	Basil	James Marcus
Gabriel	Roland Drew	Rene LeBlanc	George Marion
Gae Felician	Alec B. Francis	Michael	Bobby Mack
Baptiste	Donald Reed	Governador	Lou Payne
Benedict Bellefontaine	Paul McAllister	Coronel Winslow	Lee Shumway

Direcção de EDWIN CAREWE

isto tranquillos, preparam a deportação em massa.

Chega o dia do exodo forçado. Homens e mulheres são conduzidos á costa e em seguida, em pequenos barcos, aos navios, em cujos porões ficam em promiscuidade vexatoria com a soldadesca ingleza.

Emquanto isto a villa de Grand Pre arde em chammas, por deliberação extremada do governador geral, que procura vencer pelo terror, já que sua autoridade mostra-se insufficiente de persuasão.

Benedict é uma das victimas immediatas da prepotencia criminosa do governo. O espectaculo lugubre de sua casa em chammas fal-o cahir morto nos braços da filha, ao mesmo passo que Gabriel é á força conduzido para um dos navios que vão partir...

Evangelina não se demora no scenario de suas desditas de agora, o mesmo de seus sonhos de felicidade ainda recentes...

Ao alvorecer tambem parte com o padre Felician para terras desconhecicidas.

As censuras amargas de William

Pit ao governador, que assim humilha e affronta todo um povo, já não têm effeito quasi que só moral. Os mortos não resuscitarão; Grand Pre não resurgirá, como a aguia da lenda, das cinzas a que foi reduzida criminosamente...

Os "acadians" são fixados em Maryland, ao longo da costa sul da Lousiania.

Evangelina e o padre Felician tambem chegam á região, a Bayon Teche, onde varios habitantes da extincta Grand Pre estão agora estabelecidos e de onde, ha poucas horas, Gabriel partiu para o norte.

Evangelina resolve seguil-o, encontral-o para delle não mais se separar. Affronta as féras e os selvagens, ao longo do golfo, abaixo do Missisipi no Ozarks, e atravez de densas florestas, resiste a todas as fadigas, vence a todas as canceiras, sempre atraz de seu amado e tambem por toda parte obtendo a mesma informação: — Gabriel já seguiu...

E'-lhe impossivel continuar assim nessa carreira desnorteada num oceano immenso de florestas desconhecidas e povoadas de todos os perigos imaginaveis. Resolve voltar a Lousiania.

Ahi reencontra Baptiste, agora rico proprietario. Ainda uma vez lhe offerece elle o seu amor. Promette-lhe devoção e felicidade.

Evangelina, ainda com todo esse rosario de infortunios, tem animo de recusar, com um sorriso triste, preferindo continuar a soffrer a crua adversidade.

Toma novo alento, dispõe-se a nova busca do seu amado.

Basil, que agora a encontra, resolve proseguir com ella a nova viagem á procura de Gabriel.

Os dois, numa fragil canôa, são presos de temivel tempestade que uma vez ainda os separa..

Vinda a bonança, Evangelina se encontra só e caminha ao acaso, indo ter a uma instituição de jesuitas.

Faz-se enfermeira para esconder a sua dôr na intimidade da dôr alheia. E' quando termina a guerra e ella é enviada a Philadelphia para tomar conta dos mutilados e desvalidos, sempre com o pharol da esperança á vista.

Desta vez não lhe mente o presagio. No asylo descobre ella a Gabriel. Os seus corações, atormentados por tantos annos de separação e desditas, reunem-se, por fim, para o casamento glorioso de um amor grande e sagrado, purificado no cadinho do soffrimento.

WILLIAM HAINES

No intimo eu não sou um espirituoso. William Haines, o espirituoso, nasceu em Hollywood. A piada é o meu escudo, a minha protecção. Sou naturalmente sensivel á censura. Quando entrei para o Cinema, eu era uma especie de capacho humano em que todo o mundo pisa. Não encontrava um logar e esperava a todo momento ver-me sem trabalho. Com a minha primeira piada, mudou-se o curso dos acontecimentos. No momento em que Hollywood descobriu que eu tinha uma resposta aspera para uma observação rispida, elles acharam conveniente pensar duas vezes antes de abrir a bocca. A seguir, depois de "Bronwn of Harvard" o publico entrou a acceitar "Brown" como Bill Haines. E eu conservei essa coisa já porque me parecia que assim devia ser, já porque como dizia com os meus mais intimos sentimentos.

Hedda Hopper declarou-me um dia que eu era o ultimo dos homens que elle desejaria como inimigo. Eu não sou preditadamente um espirito vingativo. Não gosto de offender a ninguem. E' um dos meus velhos principios. Os meus assomos passam depressa.

Depois de se adquirir a fama de espirituoso não é difficil conserval-a. Não preciso ficar em casa a ler livros de anecdotas. As pessoas riem-se com tudo quanto digo por mera força do habito. Deve ser engraçado, pensam, e por isso riem.

O William Haines que foi para o collegio em Staunton, Virgina, não era um menino espirituoso. Era uma sonhador, caprichoso, sujeito a crises de spleen. Tinha um temperamento de foguete; esquecia as suas coleras com a mesma rapidez com que o foguete se apaga depois de breve clarão. Mas sobretudo elle era um sonhador; sonhava tanto que não se apercebia dos livros e das lições.

Staunton é uma encantadora cidadezinha antiquada do Sul — eis a minha impressão. Os seus habitantes ali residiam desde tempos memoriaes. Os que ali chegaram em 15 eram considerados gente novo da terra. Lembra-me que a sua população era de 10 200 habitantes. Recordo-me exactamente de taes algarismos por que elles me foram mettidos na cabeça por um paciente professor de geographia. Os morros de Staunton pareciam-me mais altos do que todos os outros morros da terra; as arvores eram maiores e em nenhuma outra parte eram as distancias tão grandes. Os "altos" predios de quatro andares da principal rua davam-me que pensar.

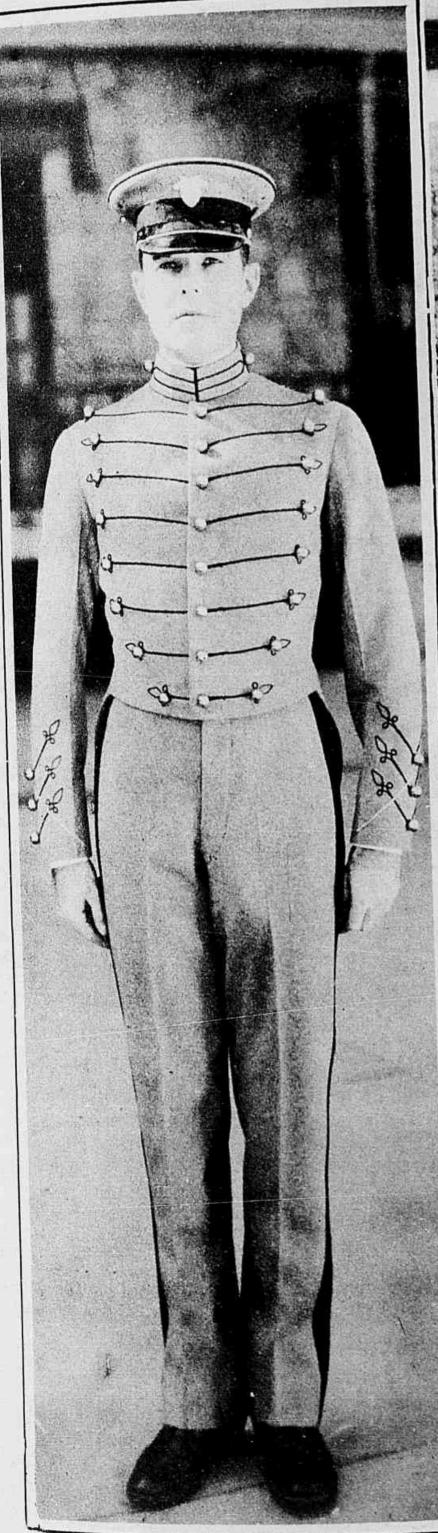
Voltei ali uma vez, depois de ser leading na téla. Já as montanhas não era tão altas, as arvores eram as mesmas que em toda parte, as distancias não eram maiores de os edificios que na minha imaginação eram torres a furar as nuvens pareceram-me pequenos. Fôra-se a illusão, e ninguem reconquista as illusões perdidas. Não é nada prudente voltar-se ao passado.

Nós eramos cinco filhos em minha familia, tres homens e duas mulheres. Eu era o mais velho. Minha mão era um espirito amavel e fino — o que é tudo quanto um menino pode querer para sua mãe. Eu tinha por ella verdadeira adoração e, em pequeno, não me despregava das suas saias. De meu pae, eu gostava immenso, não simplesmente porque fosse meu pae, mas por ser um bom homem. Minha irmã, Lilian, dois annos mais moça do que eu, era uma das poucas creanças com quem eu brincava. Os meus companheiros eram sempre em pequeno numero, principalmente porque eu não ligava ás outras creanças. Eu preferia a companhia de pessoas muito mais velhas do que eu.

Uma das minhas obrigações em creança era ir buscar carvão, á noite, no deposito atraz da casa, para o fogão. Era

CONTA ALGUMA COUSA de SUA VIDA

um verdadeiro martyrio para mim, pois Lilian nunca participava d'essa tarefa e eu tinha pavor da escuridão. Minha irmã costumava esconder-se e quando eu ia passando, ella gritava "Goop!" Com o susto eu cahia e arrumava a minha carga no chão.

As professoras sempre se desesperavam commigo. Sempre com a imaginação povoada de fantasias, eu era incapaz de prestar attenção ás lições. Quando não era isso, divertia-me em atirar bolas de papel e a puxar os rabichos das meninas. Um dia a professora, uma velha impertigada, viu esgotada a sua paciencia e prendeu-me no quarto durante uma hora. Quando, afinal, foi dar-me liberdade, encontrou-me mettido num na sua capa de chuva, com o seu chapéo na cabeça e a empunhar o seu guarda-chuva. A scena foi tão inesperada que, em vez de um castigar, ella não teve remedio sinão rir.

Nas occasiões solemnes eu era chamado a recitar e impingia sempre a mesma poesia. A coisa ia muito bem emquanto eu não olhava para a professora e via a sua testa franzida, atrapalhava-me, então, perdia o fio, e recomeçava de novo a poesia.

Uma das maiores alegrias da minha meninice vinha-me aos domingos. No sul, quem não é episcopal não entra no céo. Ora, eu era mais do que um simples membro da igreja episcopal. O que me agradava nisso era o caracter dramatico que a minha imaginação emprestava a esse mister e não o sermão, que, como a generalidade das creanças, não me interessava.

Eu era o que se chama um menino endiabrado, e durante o verão pintava o sete na cidade. Falando da minha pessoa, já se disse que eu havia frequentado a Academia Militar de Staunton boa ,o mais que eu me approximei d'ella foi por occasião das férias de certo serão em que ganhei 6 dollars por semana para pintar camas ou dormitorio d'aquelle estabelecimento. Os alumnos costumavam esquecer camisas e outras roupas brancas por ali e eu as levava para meu uso.

A minha vida antes dos quatorze annos não me interessava particularmente. E duvido que com os outros seja differente. Só depois d'essa idade é que os factos começam a ter importancia. E' nesse periodo que nos vem a consciencia no sexo e a descoberta é importante.

Aos 14 annos eu sahi de casa. Apoderei-me sem ceremonia de um alfinete pegador de brilhante e o puz no prego para arranjar dinheiro para as despezas. Não me seria possivel escolher um objecto a que minha mãe tivesse maior distincção. Era uma joia que vinha de minha bisavó.

Tive por companheiro um camarada da minha idade, que tambem fugiu da sua casa, "suspendendo" com algumas moedas antigas. E juntos nos puzemos a caminho, afim de ver o que havia do outro lado das montanhas de Staunton. Por essa occasião havia se fundado uma grande fabrica de polvora nas margens do James River e immediatamente surgira ali uma cidade de 60.000 habitantes. Não era talvez aquelle o melhor ambiente para rapazes de 14 annos, mas para lá nos dirigimos. Arranjamos emprego na fabrica, ganhando cada um de nós 200 dollars por mez, excellente ordenado para meninos da nossa idade. Minha mãe acabou descobrindo o meu paradeiro e foi visitar-me. Eu sempre admirei pela attitude que ella observou. Não tentou absolutamente forçar-me a voltar para casa; collocou-me numa pensão proxima da fabrica, o melhor ambiente que ella pôde encontrar na cidade. Ella sabia que se me obrigasse a voltar com ella, eu iria mas não ficaria; Fugiria de novo.

O trabalho na fabrica era penoso e cheio de perigos. Com os vapores do nitroglycerina os meus cabellos ficaram tão louros como os de Gwen Lee. Eu e meu amigo puzemo-nos á procura de um ganha-pão mais suave. Os operarios da fabrica ganhavam bons salarios e não se mostravam avessos a gastal-o com prodigalidade. Nestas condições nós dois nos fizemos donos de um salão de dansas. Eu não attingira ainda os meus quinze annos, mas a vida já não tinha muitos segredos para mim; pelo menos, era esta a minha supposição. As entradas eram cobradas á porta e custava um dollar cada contradansa. Meu amigo encarregava-se dos instrumen-

(Termina no fim do numero)

Rouge-Noir ou O Correio Secreto

(DER GEHEIME KURIER)

Julien . . . . IVAN MOSJUKIN
Theresa Rénal . . . . LIL DAGOVER
Mathilde . . . . AGNES PETERSEN
Burgomestre Rénal . . . . José Davert
Marquez . . . . Jean Dax
Norbert . . . . Felix de Pomes Soler
Duque . . . . Hugo von Meyrink
Abbé . . . . Dillo Lombardi.

Direcção de GENNARO RIGHELLI

Julien Sorel é secretario do senhor Rénal, burgo-mestre da pequena cidade de Verrieres e quer deixar o despotico superior hierarchico cuja autoridade não póde supportar. Sente porém, separar-se da bella e joven Thereza. Rénal que se casára contra gosto com o velho e rico politico, e está apaixonada do moço secretario. com quem procura encontrar-se todas as noites para esquecer a miseria deste casamento.

Julien retribue a paixão da bella mulher, que é o seu primeiro amor. Mais importante do que o amor apresenta-se lhe, porém a satisfação de sua illimitada ambição.

Uma noite, Rénal que soffria uma insufficiencia cardiaca accrescida de insomnia embriagou-se e regressou ao lar. Ainda a tempo poude Theresa fugir dos braços do amante e, ao entrar na alcova, encontra o marido que procura acaricial-a. Repugnada, Theresa evita-o e o marido cáe com uma syncope. Theresa grita, pedindo soccorro. Julien apparece. Urge um remedio. Somente tres gottas... uma dóse maior será mortal. Se Rénal morresse agora, os amantes estariam livres.

Não era commum Theresa dizer... "Se elle morresse!" Então Julien deixa cahir gottas em maior numero no copo. O doente já tinha agarrado o copo... quando de repente, Julien comprehende a tentação do crime, toma o copo do enfermo e foge sem despedir-se de Theresa.

Encontrando no escuro da noite uma diligencia, Julien dirige-se a Paris e emprega-se no palacete do marquez de la Mole, importantissima notabilidade da capital franceza. Com o correr do tempo, consegue não somente a confiança do titular como tambem o amor da bella Mathilde, filha do patrão. Para cumprir uma ordem do marquez, Julien tem que emprehender uma perigosa viagem mas, antes de partir, Mathilde entrega-se ao empregado.

O marquez de la Mole é a cabeça de uma conspiração contra o rei e tenciona conseguir para o duque de Orleans a successão ao throno de Carlos X. Julien tem por missão entregar, em Strasburgo, ao duque, uma carta do marquez contendo o plano de mobilisação para a revolução.

Tanto a liberdade como a riqueza do marquez e de sua familia estão nas mãos de Julien. Após mil perigos, Julien chega a Strasburgo.

Entrementes, Mathilde confessa ao pae que Julien é seu amante e por esse motivo não quer acceitar o noivo que lhe fôra escolhido.

Declara, ainda que preferirá abandonar a casa paterna a separar-se de Julien. Contra gosto, o marquez deixa-se vencer.

Julien tendo sido feliz na sua missão politica, apresenta-se ao marquez que lhe declara ter o rei concedido um titulo de nobreza e nomeado official do exercito ao servo fiel e corajoso.

Emocionado, Julien ia agradecer ao marquez, quando este recusando-lhe a mão, disse, fazendo de cada palavra uma chicotada. "Na minha opinião és um patife!" Então Julien comprehendeu que Mathilde confessara tudo ao pae.

Para certificar-se o marquez, escreveu ao burgomestre Rénal — pedindo-lhe informações sobre o caracter

de Julien. Rénal pediu á esposa para responder essa carta.

Theresa, constatando a infidelidade de seu antigo amante, e ferida por terriveis ciumes, responde que Julien não passa de um aventureiro e que, em casa onde entra, trata de seduzir a mulher mais influente, para conseguir dessa fórma tornar-se um prepotente.

Julien alcançára o que aspirava. Como futuro do poderoso marquez de la Mole, é-lhe garantida uma esplendida carreira.

Mas uma noite chega-lhe ás mãos uma carta de Mathilde, avisando-lhe de que tudo estava acabado. Perturbado Julien corre ao palacete do marquez mas não encontrou ninguem.

Só a carta de Theresa ao marquez fôra deixada para elle, á margem dessa missiva o marquez havia escripto: "has de comprehender que não posso dar minha filha como esposa a um homem da tua especie".

Theresa, porém, arrependeu-se mais tarde do passo dado no momento de desespero. Dia após dia, ia á igreja para procurar perdão na prece. Uma certa manhã, quando sahia da igreja, Julien encontrou-a. Partiram dois tiros e Theresa cahiu

gravemente ferida. Julien é preso e sente-se alquebradó e anniquillado.

Mathilde visitando Theresa ouve a moribunda declarar que a sua carta não encerrava a verdade, pois Julien era innocente.

Julien está sentado no banco dos réos. Todos as tentativas de Mathilde, para salvar o criminoso falham porque este está farto da vida.

Elle quer expiar seu crime e é condemnado á morte.

No mesmo dia em que Julien era conduzido á guilhotina, arrebenta a revolução de Julho, em Paris. Desesperado, Mathilde não quer abandonar Julien mas os soldados separam-na.

Então, ella corre ás barricadas e supplica aos revolucionarios para livrarem o prisioneiro. O povo resolve attendel-a.

Uma multidão parte em direcção ao logar do supplicio, destróe a grilhotina e liberta Julien. Agora sua ambição podia realizar-se.

A revolução sahiu victoriosa, o duque de Orleans — por quem elle trabalha — era rei. Mas sua ambição está morta. Julien não ambiciona mais, do que a tranquilidade e o amor de sua Mathilde.

Kennedy nos dois principaes papeis.

A United Artists vae entrar no terreno dos films curtos. Entre os artistas indicados para esses films estão Lupe Velez, Fannie Brice Gilbert Roland e outros.

Pauline Frederick será a estrella de "Sacred Flame" producção, vitaphonisada. Coadjuvam-na Conrad Nagel, Lila Lee, Walter Byron, Alec B. Francis e Dale Fuller.

Lewis Milestone foi contractado pela Universal para dirigir "All Quiet on the Western Front" uma das mais notaveis novelas da Grande Guerra que se tem escripto.

William J. Craft já iniciou a filmagem de "Skinner's Dress Suit" para a Universal com Glenn Tryon e Myrna

Cinema de Amadores

TRIPE'S

REBATEDORES

FO'COS

EXPOSIÇÃO

(DE SERGIO BARRETO FILHO)

UMA coisa surprehendente é como se torna facil a apresentação de um film de amadores "melhor", quando a gente pensa um pouquinho no assumpto, estudando-o sob alguns aspectos, antes de photographal-o. Si se desejam films de amadores mais do que o commumente se vê por ahi, é claro que esse film terá que ser elaborado de um modo tambem mais do que o que geralmente se vê igualmente empregado por ahi. A camara para o amador foi desenhada com um objectivo: o de collocar a photographia animada ao alcance de qualquer um, independentemente do conhecimento de uma technica photographica, complexa como todas as technicas.

Sem duvida alguma, todos os amadores de hoje poderão dizer que sahiram das nuvens quando projectaram o primeiro metro do film apanhado. Nunca imaginaram como era tão simples "fazer um film!" Mas esse espanto é quando o primeiro metro de film é projectado. Aos poucos, a novidade desapparece, e então o amador começa a pensar consigo mesmo si não seria possivel melhorar os films que elle mesmo faz, não só sob o ponto de uma historia que attraia a attenção, como sob o de uma composição photographica que mereça os louvores dos outros amadores. Por mais perfeita que uma camara seja, ella nunca poderá dar resultados excepcionaes, si não fôr usada intelligentemente.

O primeiro ponto essencial na photo cinematographica é a comprehensão da verdadeira funcção das lentes, e do conhecimento, á primeira vista, de qual dellas deverá ser empregada afim de dar, ao fim, uma exposição correcta; e uma exposição correcta não é facil de ser conseguida (1). A não ser que o amador venha, ha annos, ganhando e accumulando uma experiencia indispensavel, ou que seja um esplendido julgador das condições de luz, é preciso que elle possua um mediador de exposição como o "Dremophot", o "Cinophot" ou o "Correctoscope". Escolhendo o modelo que melhor se adaptar ao seu trabalho, e comparando o indice de exposição indicado pelo apparelho com as condições de luz, em pouco tempo o amador terminará por julgar elle mesmo qual a sua exposição mais acertada. E o emprego da propria vista como base de um calculo para o conhecimento da exposição mais correcta entra até mesmo no funccionamento desses apparelhos mencionados acima. O facto de não haver duas pessôas que sejam o mesmo objecto do mesmo modo determinou o "test" do apparelho, por parte do comprador, antes do seu emprego para o conhecimento do indice de exposição.

Para se fazer o "test" de um desses apparelhos, toma-se uma scena commum, de rua, por exemplo, e determine-se com o apparelho o indice de exposição que deve ser usado para as condições de luz dadas. Annota-se esse indice num caderno de notas. Depois filme-se um metro com a exposição indicada pelo apparelho. Colloca-se o diaphragma da objectiva na abertura immediatamente acima da que foi usada, e filma-se mais um metro. Colloca-se na abertura immediatamente abaixo e filma-se outro metro.

Annotem-se cuidadosamente as aberturas empregadas. Supponhamos que sejam: F. x, F. x + 1 e F. — 1. Quando o film fôr projectado, será facilimo decidir, de entre os tres "shots", qual a abertura que realmente deve ser empregada quando o medidor de exposições, o Cinophot, por exemplo, indica uma abertura de F. x (2). Expliquemo-nos melhor: supponhamos que as aberturas apresentadas no medidor são F a, F a + 1, F a + 2, F a + 3, F a + 4 e F a + 5; supponhamos que essas mesmas aberturas se vêem na camara. Mas acontece que o indice indicado pelo medidor, o qual se usa applicando-o contra o olho, "é baseado na sensibilidade desse olho, ou melhor, da retina desse olho". E como a sensibilidade de todos os films são iguaes, ao passo que não ha duas retinas com uma mesma sensibilidade, conclue-se a pergunta: "A abertura tal, sendo perfeitamente conveniente para a sensibilidade da retina, sêl-o-ha tambem para a sensibilidade da emulsão photographica?" E d'ahi a necessidade do "ajuste previo".

A não ser que a lente empregada pelo amador seja do typo denominado "de fóco fixo", a questão de uma focalização correcta e o ponto seguinte, em materia de photo cinematographica que deve merecer a nossa attenção. Uma focalização correcta é indispensavel ao merito de um film. Enquanto os erros de exposição pódem ser corrigidos com o emprego de acceleradores ou retardadores, de reforçadores ou enfraquecedores chimicos, durante o tratamento dado á pellicula no quarto escuro, ainda não se encontrou um meio de corrigir os erros de focalização; até hoje, ou o fóco é bem localizado desde o principio, ou vae tudo por agua abaixo. Todas as lentes focalizaveis são apparelhadas com escalas ou tabellas excellentes para um trabalho rapido, sem grandes pretenções. Mas si o amador deseja para o seu film a mesma perfeição que elle encontra no film profisional, elle precisa gastar um pouco do seu tempo, focalizando cuidadosamente scena após scena. Com assumptos em primeiros planos ou muito proximos da camara, é melhor medir a distancia exactamente com uma trena. Nos studios de Hollywood todos os operadores fazem assim, a não ser que possam focalizar directamente o assumpto sobre o film ou um vidro despolido, atravez da lente da camara. Uma trena é um accessorio muito util. Uma trena de 50 pés de comprimento deveria fazer parte de todo material de um amador (3). Um conveniente substituto para a trena seria um desses apparelhos de pôr em fóco automaticamente (4). Si o amador deseja melhorar a clareza dos seus films, elle precisa aprender como calcular curtas distancias "de vista", como se diz. Isto não é tão difficil como parece. Um pouco de pratica, e tudo se torna simplissimo.

JACY SANTOS SOUZA, "MISS NOVA HAMBURGO" E' LEITORA DE "CINEARTE" COM VISTAS AOS AMADORES DO RIO DE JANEIRO

Meçam-se por exemplo no chão diversas distancias como 5, 10 e 20 metros, e depois procure-se saber como essas distancias apparecem á vista do observador.

Faça-se uma imagem mental dellas. Pratique-se em seguida, calculando distancias varias, e em seguida medindo essas distancias com a trena. Si se fizer isso varias vezes acabar-se-ha perfeitamente apto para calcular, á primeira vista, a distancia que se deseja estimar, com uma approximação de menos de 1/10 da longitude total.

O visor de uma camara auxilia muito a estabelecer-se a distancia. Quando uma pessôa de dada estatura occupa todo o visor, é porque essa pessôa está a um certo numero de metros de distancia da objectiva. Medindo a distancia com a trena, o amador poderá ir aos poucos se acostumando a calcular distancias atravez do visor. O mesmo methodo empregado com postes de illuminação, cabos de corrente electrica, edificios, etc., si se annotam cuidadosamente os resultados, facilitará muito a focalização. Com as lentes communs não é preciso focalizar os assumpos que ficam além de 30 metros de distancia. Por outro lado, é da mais alta importancia que odos os "close-ups" fiquem num "close-up" porá tudo a perder, enquanto um engano semelhante em um "lon-shot" passará despercebido. O amador deve gastar algum tempo com a focalização de uma scena, porque jamais se arrependerá o ter feito.

Para melhorar as scenas ao ar livre, exteriores chamados, os rebatedores são indispensaveis. O fim desses accessorios de fabricação tão simples é dirigir a luz contra as sombras, as quaes, de outro modo, photographariam tão escuras que os seus detalhes seriam difficilmente perceptiveis. Os rebatedores são considerados como indispensaveis em todo trabalho de ordem profissional. Nenhuma companhia pensaria em dispensar os rebatedores si partisse para uma locação. Os rebatedores são a coisa mais simples de se fazer e de se usar. Melhoram tanto a photographia que todo amador deveria tratar logo de se prover com alguns delles. O material mais conveniente para a sua publicação é o papelão commum. Uma folha de papelão grosso de um metro por 60 centimentros, pregada em quadro de madeira leve dará um esplendido rematedor. Para reflectir a luz solar, a superficie do papelão precisa ser branca ou côr de prata. Para obter esse effeito, póde-se pintar o papelão com tinta branca, typo esmalte. Use-se tambem, ás vezes, em vez de papelão, uma folha de metal branco. Ou então, o que é mais recommendavel, colla-se sobre o papelão uma folha de papel prateado.

Quando usar os rebatedores, o amador precisa, no entanto, não se esquecer de que o fim desses accessorios é illuminar "os detalhes que ficaram á sombra". Não é necessario nem recommendavel eliminar completamente as sombras.

Os rebatedores deveriam ser usados para diminuir um pouco a dureza dos contrastes entre os claros e os escuros de uma composição photographica.

Quando a luz se faz muito intensa sobre um

(Termina no fim do numero).

John Boles e
Bebe...

Cinearte

JUNE CLYDE

R.K.O.

CINEARTE

Barbara
Leonard

Cinearte

Greta
Garbo
M. G. M.

(GRAND HOTEL)

Senhorita Anni ..Mady Christians
Oscar, o garçon ....Harry Hardt
Mizzi ......Elisabeth Neumann
A condessa ......Erna Morena
Um secretario ..Werner Fuetterer
A generala ......Frieda Richard
Senhorita Lamorra .Dagny Servaes
O diplomata ....Paul Otto
Um velhote ....Karl Platen
Sr. Pretorius ..Guenther Hadank

Direcção do Dr. Johannes Guter

Num grande hotel encontram-se, geralmente, personagens de caracteres singulares. Esses individuos tanto são vistos nas alcovas, como nos salões, no restaurante e até na escadaria.

Que variedade de physionomias! O defraudador que foge, os diplomatas estrangeiros, o boxeur de côr, toda a familia, o rato de hotel, os anarchistas com a linda cantôra que lhes serve de agente.

No meio desta confusão de um grande hotel está a heroina desta historia, senhorita Anni, linda creada de quarto. Tambem ella tem o seu segredo, não é propriamente uma empregada de carreira mas sim uma pobre estudante que precisa occupar essa profissão para obter o dinheiro necessario aos estudos do semestre proximo. Seu segredo consiste em amar o joven e pobre sabio que, occupando um quarto de terceira ordem trabalha na descoberta de algum problema transcendente. Infelizmente, porém, falta-lhe um apoio financeiro em prol da humanidade. O sagrado fanatismo leva-o a commetter um crime. O sabio rouba uma joia da cantora e agente dos anarchistas mas esse acto é observado por uma empregada do hotel que disso dá sciencia á Anni. A pobre moça fica consternada e para salvar o namorado da justiça resolve tornar a roubar o valioso objecto. Entrementes, a policia descobre a presença dos anarchistas no grande hotel e mobilisa uma caravana de investigadores. Os gatunos não pensam em denunciar o roubo para evitar complicações com a policia e por isso resolvem roubar, pessoalmente, a joia surrupiada pelo joven sabio. Acontece que nesse momento a cantôra procurava roubar importante documento de um diplomata hospedado nesse hotel. Ao mesmo tempo, quando Anni tentava apoderar-se da joia encontra-se com um anarchista e tão complicada fica a situação a ponto de ninguem entender-se. Todos sabiam que se tratava de um plano de assalto menos os representantes da ordem publica.

E' noite. Num grande salão realiza-se uma recepção festiva. Innumeros pares rodopiam ao som de valsas convidativas e estonteantes. A timida Anni desejando sondar se havia alguma suspeita sobre o seu namorado, pergunta a varias pessoas se ha alguma novidade. No calor da festa apparecem os investigadores. Anni suppondo que elles veem effectuar a prisão do joven sabio açula os convidados contra os recem-chegados. Tumulto. Panico. Ataques. Aproveitando aquella confusão, Anni es-

(*Termina no fim do numero*)

Carlos Azevedo e Julieta Palmeira no film "Zé do Telhado".

Do Porto Portugal

Zita

QUANDO me dirigi a Zita d'Oliveira para a entrevistar já a sabia uma gentil mocinha, muito amavel para todos, um pouquito palradeira, um quasi nada, e possuidora de dotes intellectuaes pouco vulgares. Para mim a curta palestra que com ella mantive foi muito interessante e agradavel, para vocês presados leitores que me ides lêr não sei!...

Zita não é como muitas "stars" que odeiam a "entrevista". Não! Pelo contrario, facilita-nos a tarefa.

Quando lhe fui apresentado já ella sabia ser eu o humilde correspondente de "Cinearte" no belo paiz do Port-Wine.

— Sabe, gosto imenso da sua revista? Acha estranho que lhe fala assim, não?! Os seus leitores são capazes de julgar publicidade!

— Não! Sendo como é "Cinearte" conhecida, não é extraordinario que a minha amiga dispense um pouco da sua predilecção á nossa revista. No entanto agradeço-lhe, a sua referencia, penhorado.

— Nada tem a agradecer-me, falei-lhe sinceramente.

— Uma vez que lê a nossa revista, qual a secção que mais lhe interessa?

— Todas, mas muito especialmente aquella que vocês dedicam á Cinematographia Brasileira.

— Qual a sua impressão a proposito do Cinema Brasileiro.

Scena do film portuguez "Zé do Telhado", onde Zita é a estrella.

d'Oliveira

Entrevistada para Cinearte

(De A. d'Almeida Rodrigues, Correspondente de CINEARTE)

— Falando-lhe sinceramente nada lhe posso dizer pois ainda não tive o prazer de vêr um film brasileiro, mas a ajuizar pelo que tenho lido, no Brasil já se faz alguma coisa de geito e com arte.

— E da Cinegrafia lusa que nos diz?

— Que está muito joven ainda, mas se continuar a sêr amparada pelas mesmas creaturas que lhe têm dado um pouco de vida, um dia será muito grande!

— Bravo! Fé muita Fé num futuro incerto. Pensa assim na vida pratica?

— Quasi! Sou um pouco pessimista, confesso. No entanto a minha previsão pode falhar pois como sabe a Cinematografia lusitana já esteve no apogeu e quando todos menos esperavam derruiu e deixou-nos desiludidos! — Precisamente por isso...

— No entanto, agora tenho uma Fé cêga no seu triunfo, e já vão aparecendo novos com grande força de vontade que acabarão por a solidificar, não concorda comigo?

— Quem não concorda com o que você diz, Zita?

— Quem é?

— Passe adiante. Ordeno-lhe! diz-me com um sorriso Clarabanesco.

— E eu obedeço-lhe! Como entrou para o Cinema?

— Já tardava. Estava achar extraordinario que ainda me não tivesse disparado essa pergunta.

— Já é classico é infallivel.

— Não notou que estive a preparar o terreno?

— Desde pequena que acalentava a ideia de entrar para o Cinema, mas

(Termina no fim do numero)

Noivo

(SPITE MARRIAGE)

FILM DA METRO-GOLDWYN-MAYER, com *a seguinte distribuição*:

Elmer, Buster Keaton; Trilby Drew, Dorothy Sebastian; Lionel Bennmore, Edward Earle; Ethyl Norcross, Leyla Hyams; Nussbaum, William Betchell.

A apreciada actriz Trilby Drew sabia muito bem que tinha centenas e mais centenas de admiradores, mas de um, e precisamente o mais enthusiasta, ella ignorava a existencia: tratava-se de Elmer, modesto tintureiro campeão de assistir a uma mesma peça trinta e cinco vezes no minimo... desde que nessa peça trabalhasse Trilby Drew.

Onde estivessem os admiradores de Trilby Drew, importunando constantemente as attenções da faceira "estrella", lá estava Elmer, muito modesto, cara sempre séria, olhar mortiço, sempre á espera de um olhar que fosse, de sua bem-amada. E todas as noites, podiam contar, lá estava elle na primeira fila da platéa, com um ramo de flores e as mãos bem exercitadas e promptas para os estrepitosos applausos.

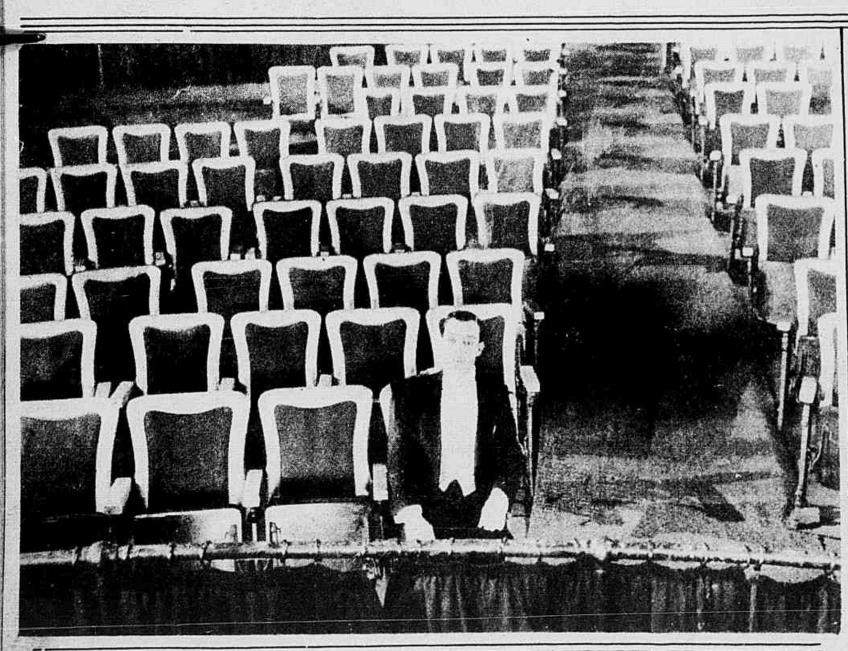
Representava-se, naquella occasião, certa peça historiando um episodio da velha Carolina, ao tempo das lutas da guerra civil dos Estados Unidos; ao fim do acto, um soldado beijava Trilby, que desfallecia em seus braços. Elmer, de sua poltrona, invejava como ninguem a felicidade daquelle simples figurante, que merecia tamanha felicidade.

Foi por isso que, uma noite, elle decidiu, embora fosse muito timido, tomar o logar do figurante... e beijar, ao menos no palco, a sua adorada Trilby.

E assim fez, o que foi facil, em vista de estar o figurante naquella noite sendo procurado pela policia e agradecer até a opportunidade de desapparecer sem ser presentido

Assim, depois de fazer as maiores tolices ao collocar no rosto as barbas postiças requeridas pelas rubricas da peça, Elmer entrou no palco. Mas se entrar no palco, foi para elle difficil, mas difficil foi, para o contra-regra e todos os outros artistas, fazer com que elle sahisse do palco.

Nossa Senhora, quantas trapalhadas fez o homemzinho atarantado no meio do palco, duplamente perturbado, porque era a primeira vez que se avistava num palco... e porque a seu lado, quasi na hora do beijo, estava Trilby Drew! Não houve remedio senão deixar Elmer no palco, mas eis que, bem no momento em que, depois de muito pensar, elle vae beijar Trilby, o scenario cáe sobre ambos!

Perseguido, então, felizmente elle se escapou... mas foi preso, então por um convite de Trilby, que, despeitada pelo desprezo que agora lhe votava Lionel Bennmore, um collega que era quasi seu noivo, e que agora era seduzido por uma pequena rica, — convida Elmer para acompanhal-a... e lhe propõe casamento! Está claro que Elmer não se recusou a isso — porque, — ufa! finalmente! — elle assim conseguia realisar os seus sonhos...

Se aquillo representava tudo para elle, o mesmo não succedia com Trilby, que delle se utilisara apenas como instrumento para realizar um casamento por pirraça.

E assim, o pobre do Elmer, sempre apaixonado e com a cara mais desenxabida deste mundo.

Informado, depois, que Trilby o abandonara, elle sáe desatinado, e não sabemos por que cargas dagua vae parar a bordo de hiate de contrabandistas, e dali para outro... onde estava, em companhia de Lionel Bennmore, que agora lhe perdia perdão pelo seu desprezo, Trilby Drew.

Elmer é posto a trabalhar a bordo, como se fosse um viajante clandestino, mas ha um accidente durante a noite, um incendio que felizmente não se propagou, e assim, só elle e Trilmy ficaram a bordo, sendo que Elmer, com os seus expediente, não teve difficuldade em se ver livre de varios contrabandistas que os importunara... menos de um, que lhe deu trabalho a valer, mas que elle venceu não sabemos como. O certo, porém, foi que Trilby se livrou da perseguição do

CARADURA

perigoso contrabandista, e que quando ella lhe perguntou, afflicta; "Oh, Elmer! Estás ferido, meu amor?!", — elle só respondeu; "Isso não é nada para um homem de coragem!"

Os jornaes, no dia seguinte, noticiaram que o hiate desapparecido fôra encontrado perto da cósta, e que Trilby Drew fôra salva do mysterioso desastre.

Tudo, como se vê, acaba bem, sucedendo o mesmo com Elmer, que se sentiu o mais ditoso dos homens quando Trilby, depois que elle voltou de bordo com ella, não consentiu que elle se fosse embora e lhe disse: "De hoje em diante, quero que me vejas dia... e noite!"

Que diabo! Afinal, o antigo tintureiro tambem tinha o seu quinhão de sorte, e se via, finalmente, recompensado dos muitos sustos, da indifferença de Trilby, do dinheiro gasto nas trinta e cinco representações da peça em que brilhava sua amada e dos martyrios por que elle passara no palco, quando a quizéra beijar e o scenario cahira sobre ambos...

O CINEMA FALADO E SONÓRO

A invasão dos films sonóros e falados vae preoccupando em certos paizes a attenção de algumas classes, pelas consequencias e influencias que attribuem ao novo systema da arte cinematographica.

Já hontem, commentámos na parte que se refere ás orchestras dos Cinemas, a representação de uma associação academica desta Capital, á Camara dos Deputados, sobre a necessidade de uma lei regulamentando a exhibição daquelles films

A referida representação tambem trata de outros pontos que considera importantes, como a influencia do idioma e dos themas musicaes com que os films são exhibidos, sobre a educação popular.

Será viavel uma lei regulamentando o assumpto?

Na Allemanha a invasão do cinema falado americano, provocou a reacção dos productores allemães, os quaes começam já a produzir tambem films falados e sonóros. Entre nós já se vae ensaiando o novo systema de films, estando segundo se annuncia, em organização uma grande empresa, que disporá do proprio apparelhamento americano e da cooperação de uma fabrica da terra do cinema, para confecção de films de assumptos brasileiros e falados em portuguez. E mesmo na propria Hollywood já se trata da confecção de films com versão ingleza e hespanhola.

São as consequencias naturaes da implantação do cinema falado em todos os grandes centros. Fóra desse terreno, outras medidas, como leis regulando o assumpto, cremos serian difficeis e de resulados duvidosos.

(Do *Jornal do Brasil* de 8 de Outubro).

卍

Só em New York existem 640 Cinemas que exhibem exclusivamente films sonóros!

卍

Charles Rogers assignou um novo contracto a longo prazo com a Paramount.

卍

Loretta Young foi indicada como heroina de John Barrymore em "The Man" da Warner. Os outros do elenco são: Douglas Gerard, Louise Carver, May Malloy, Dale Fuller, Martha Mattox e Tom Hughes.

卍

Sally Eilers, Tully Marshall e Johnny Arthur trabalham em "The Couleln't Say No", da Warner.

卍

Está prestes a findar a filmagem de "Heirricane" da Columbia sob a direcção de Ralph Ince. Hobart Bosworth, Leila Hejams, Johnnie Mc Brown e Allan Roxoe são os principaes.

卍

Na cidade de Cincinnati nos baixos de um edificio de 43 andares vae ser construido um Cinema de 7 mil logares, o maior do mundo.

卍

Em New Orleans Frolic" nova producção da Fox Movietone trabalham Warner Baxter, Willian Collier, Charles Farrell, Victor Mac Laglen, George O'Brien, Will Rogers, Stepin Fetchit e muitos outros.

卍

John Loder é o galã de Corinne Griffith em "Lilies of the Field".

卍

"Devil May Care" é o titulo do primeiro film falado de Ramon Novarro.

Dorothy Jordan, toma parte.

卍

Richard Barthelmers tambem foi incluido no elenco de "The Show of Shoms" da Warner.

Hollywood e areia...

JOSEPHINE DUNN E
JOEL MC CREA

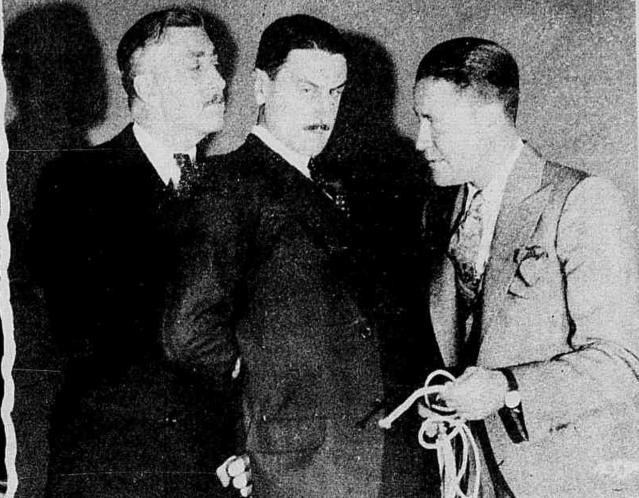
BARBARA KENT
E MERNA KENNEDY

O Diabo e a Carniça...

Amor e... Vamos Andar de Bicycletta?

J. DUNN.
JULIA FAYE
E MC CREA

JOYCE MURRAY,
MC CREA
E RAQUEL TORRES

ASSIM FALOU O MUDO

CEDO, muito cedo ainda, em Nova York, entre a multidão de honestos filhos do trabalho, que a essa hora matutina se encaminham para os seus empregos diversos, caminha tambem um rapazinho dos seus doze annos, em cuja mente, si a pudessemos ler, encontrariamos o revolver de um mundo de sonhos e projectos ambiciosos. O pequeno chega á frente de um dos enormes arranha-céus da metropole americana, tira o seu jornal do bolso e confere o numero do edificio com o de um annuncio de "precisa-se" existente na gazeta. Olha para a casa, e conclue resoluto:

— E' aqui mesmo, murmura Barney Cook comsigo mesmo. E tomando o elevador vae ter ao andar oitavo, á "Agencia de Detectives Babbing". Lá porém já encontra o nosso pequeno heroe uma chusma de garotos de todos os matizes, feitios e aptidões. Barney vê a sua ambicionada opportunidade quasi perdida. Um rapaz empregado do Telegrapho approxima-se do escriptorio para entregar um despacho. Barney observa-o e tem logo uma idéa genial: pede ao rapaz o despacho e tambem o seu bonnet emprestado, e fingindo ser do telegrapho, investe contra a onda de pretendentes ao logar, abre passagem para a porta, e sem que nenhum dos garotos désse pela cousa, entra Barney com o telegramma.

Ao entregal-o ao Sr. Babbing, chefe da Agencia em questão, volta-se o homem para o rapaz e pergunta-lhe: — Quem és tu? — Eu? faz Barney como que não comprehendendo a questão.

— Eu sou Barney Gook, o seu novo empregado.

— Mas quem te disse que servias para o emprego? inquere o homem.

— Eu sei que sou o rapaz de que o senhor precisa...

E chegando á porta, antes que alguem lhe pudesse "furar a chapa", diz ao rapazio ali reunido que o logar já está occupado, que pode ir embora...

O dono do escriptorio pega no jornal, relê o annuncio que puzera, vae até á porta, e como lá não vê viv'alma, volta outra vez a inquerir das habilidades do joven pretendente, visto não lhe ser dado fazer escolha.

Neste ponto, porém, entra no escriptorio uma senhora muito afflicta, que pergunta ao chefe dos detectives:

— Então, Sr. Babbing encontrou algum vestigio de minha filha? Estou como louca de ansiedade!

— Mais ou menos... A sua pequena foi raptada por um grupo de malfeitores. Os meus homens andam ha dias seguindo a pista de seu marido, e ao que parece, elle está innocente de tudo...

— Foi elle, sim, que me roubou Peggy, diz a senhora cada vez mais afflicta, para forçar-me a voltar para a sua companhia!

O detective mostra-lhe que está errada em assim pensar. — O seu marido nem sequer sabe do roubo da menina affirma Babbing á senhora. Si elle aqui viésse, pois trabalha neste mesmo edificio, e juntamente com a senhora nos ajudasse nas nossas pesquizas, talvez resolvessemos o problema muito mais depressa.

Barney, que entreouve a conversa, corre logo a chamar o homem em questão. Este, ao entrar, vê ali a esposa de quem se acha separado e sabe por meio della do roubo da filhinha. E neste mesmo instante, tão ansioso quanto a senhora, promette o pae da menina generosa remuneração ao detective si a descobrir.

Sahindo o casal, vira-se então Babbing para o garoto e apertando-lhe a mão, confessa ser elle mesmo o rapaz talhado para o logar. Aquella decisão de ir chamar o homem era um golpe de genio! Ao inquerir sobre as aptidões de Barney, explica-lhe o menino que entre outras tem a de saber falar pelo alphabeto dos surdos-mudos.

— Magnifico! exclama rejubilante o detective. E's a chave de todos os nossos problemas. E nesse mesmo dia é Barney Cook mandado de Nova York para uma cidade do interior, com instrucções de se "fazer de mudo" numa casa onde Babbing suspeita achar-se trancafiada pelos ladrões a menina — por cujo resgate de certo cobrarão os malfeitores uma gorda somma.

Conhecendo todo o pessoal alliado da quadrilha que sequestrara Peggy, vale-se Babbing do nome de Cooper, de Chicago, cabeça de toda a nefanda organização, e telegraphando a Blakie, chefe do grupo local, diz-lhe para ir á estação receber esse surdo-mudo, por Cooper sequestrado dos paes, e que lá o guardem até segunda ordem. Depois dividirão o resgate. E assim feito, quando Barney chega a tal estação, lá encontra Blakie e Rose, sua amiga, promptos para leval-o para a casa.

Lá na residencia, descobre Barney a menina Peggy. E com o auxilio de um simulado vendedor de jornaes, para lá despachado por Babbing, consegue o "mudo", por meio de signaes, dar ao gazeteiro todas as indicações sobre a pequena e outras indicações ácerca da segurança da casa para as eventualidades de um ataque pela policia.

Tido por surdo-mudo, papel que a garota desempenha maravilhosamente bem, tramam os ladrões toda a sorte de negocios arriscado em frente de Barney, que não perde nenhum dos detalhes.

(Termina no fim do numero).

("THE DUMMY")

FILM PARAMOUNT

Sra. Meredith .... Ruth Chatterton
Walter Babbing .... John Cromwel
James Meredith .... Frederic Marsh
Peggy, a creança .... Vondell Darr
Barney — o mudo .... Mickey Bennett
Blinky .... Jack Oakie
Cooper .... Fred Kohler
Rose .... Zasu Pitts
Madison .... Eugene Pallette
Blakie .... Richard Tucker

Direcção de ROBERT MILTON

Dous é bom...

A CASINHA PEQUENINA QUE O CINEMA LHES DEU, CHEGA BEM PARA ELLES DOUS...

NO DOCE MUITO DOCINHO LAR DE JOBYNA RALSTON E RICHARD ARLEN...

Rio Film

DE PAULO DE MAGALHÃES

DOUGLAS!

OUVERTURE. — Uma pergunta que toda a gente faz e que ninguem sabe responder é a razão pela qual os nossos cinematographistas não temem empatar vultosos capitaes para a diffusão, compra e exhibição dos films estrangeiros — que nem sempre dão lucros compensadores — e négam-se, systematicamente, a auxiliar com modestas quotas que sejam a producção cinematographica brasileira que até agora tem dado — em precarias tentativas e com emprego de irrisorios elementos — lucros, altamente, compensadores...

* * *

Vamos! — Senhores empresarios de Cinema — façam de conta que são patriotas e tomem attitude em pról do Cinema Brasileiro!

* * *

JORNAL. — O meu amigo Pedrinho é mais ingenuo que o Lopes Gonçalves.

E' tão otario que ainda espera á porta do Cinema a sahida das coristas dos films falados!...

Pois bem. O meu amigo Pedrinho contou-me muito espantado este facto que elle reputa interessante e surprehendente:

— "Hontem á porta do Imperio, vi um pobre homem que pedia esmolas tendo um letreiro no peito: — Cégo. Dei-lhe uma prata. O individuo protestou.

— "O senhor nao vê que esta prata é falsa?"

Reparei que o typo não era cégo. Pedi-lhe explicações.

— "Eu não sou o cégo, não senhor. Eu peço esmolas para um cégo meu amigo".

—"E onde está o cégo?"

O typo perturbou-se para responder inadvertido:

— "O cégo?. O cégo está ah dentro do Cinema "vendo" a fita!"

* * *

—Carlitos raramente está bem humorado.

Mas naquella tarde, em Londres, resolveu fazer uma pilheria.

Entrou num barbeiro, fez a barba, penteou-se, perfumou-se etc. e pagou 8 "shillings" pelo serviço.

Sahiu, porém, sem dar gorgeta ao barbeiro.

Foi até á porta e voltou, de repente, aggressivo e arrogante com o dedo ameaçador á cara do official:

— "Sovina, desgraçado e patife é você, entendeu?"

O pobre do barbeiro, attonito, desculpou-se:

— "Mas eu não disse nada, senhor"...

Carlito:

— "Não disse mas... pensou!"

E sahiu.

* * *

Fala-se com insistencia nas ródas cinematographicas que o deputado Dr. Paulo Haslcker vae "posar" para uma fita como galã. O outro galã, — rival no film, — ainda não está escolhido. Cogita-se nos nomes do poeta Hermes Fontes ou do Ministro Hermenegildo para contrascenar com o guapo jornalista...

Está de bom tamanho...

Paulo Morano ao lado de Carmen Santos em "Labios sem Beijos".

COMEDIAS. — O meu amigo Franckel, do Cine Imperio, tem um grande desgosto de ser calvo.

O Basilio Vianna — que é um homem que sabe tudo e arranja, facilmente, as coisas mais difficeis — sabedor do desgosto que, a calvicie provoca no Franckel, procurou-o solérte:

— "Amigo Franckel, quéres deixar de ser calvo, quéres ter uma cabelleira vasta e crespa como a do Dr. Gottuzo, por exemplo?

O Franckel esperançado: — Claro que sim!

E o Basilio imperturbavel: — "Pois então vae ao Storino e compra uma "perruca"...

* * *

DRAMA. — O joven galã Paulo Morano que vae actuar ao lado de Carmen Santos, num film brasileiro, depois que entrou para o Cinema resolveu usar umas roupas complicadas e exquisitas que parecem feitas de couro da Russia ou de couro de hippopotamo...

Até ahi nada de mais. Mas é que a suggestão cinematographica deu ao sympathico futuro "estrello" a impressão de que elle é tambem, na vida real, um galã irresistivel.

O resultado desta impressão foi a seguinte dramatica aventura.

— O nosso Paulo Morano, com uma das suas roupas mysteriosas, estava num restaurant.

Deante delle uma francezinha "succo" jantava com uma amiga. Morano reparou na pequena e começou a "bancar" o "half-back" numa bruta "marcação". A francezinha olhou para elle e piscou um olho. Morano exultou. Era o primeiro *shoot* do *flirt*.

Mais um "bate-bolazinho" e a francezinha piscou de novo. O galã da roupa complicada tomou *pose* de "vampiro", radiante com o successo.

A francezinha piscou mais.

Paulo Morano resolveu rebater a "pelota".

A garota piscou mais uma vez e Morano rebate logo piscando tambem para ella.

A francezinha mexeu-se na cadeira e, nervosamente, poz-se a piscar os olhos mais á miúde.

Morano, enthusiasmado, piscava tambem.

Era "pisca" para lá e "pisca" para cá.

O "bate-bola" começava a tornar-se comico.

Outras pessoas perceberam o jogo e riam-se á socapa. A francezinha, porém, de repente, levantou-se irritada vae até á mesa do Morano e diz na sua meia lingua: — "O senhor estarr me debochanda?

A francezinha era "pisca-pisca"...

* * *

GALOPE FINAL. — *DOUGLAS FAIRBANKS*

Douglas é um risco maluco,
Riscado no espaço, a esmo...
Na téla, o Douglas é o "succo"
Da loucura de si mesmo...

O QUE SE EXIBE NO RIO

"O PAGÃO" APRESENTA A VOZ DE RAMON

PALACE-THEATRO

O PAGÃO (The Pagan) — M. G. M. — Producção de 1929.

Ramon, nos chamados "Mares do Sul" outravez, lembrando-se de Apsará" e de tal maneira despiu-o que a Tia Julieta nem acabou de ver o film.

Uma producção de programma toda pensada e adaptada para Ramon. No final ha umá luta com o villão Donald Crisp que não sei se foi collocado para o film parecer-se com o "Lyrio partido" antecedida de uma corrida de Ramon para salvar a heroina que será um successo no Popular. Depois ha uns tubarões cannibaes. Não comem apenas a perna da gente como fizeram com o Barrymore. Comem o Donald Crisp inteirinho. Pena que fosse apenas "fita", para que elle não voltasse a dirigir mais films para a P. D. C...

E' interessante e agrada o caracter de Ramon com aquella despreoccupação de vida e indifferente a tudo. Canta pr'a burro. Isto é, canta muitas vezes. Chega-se a decorar o "Pagan Love Song"... Tem uma voz interessante nota-se que tem estudo, mas agora é que eu sei porque elle não conseguiu cantar na Opera de Berlim...

O elemento amoroso não é mais sentimental, porque está levado para a comedia. Dorothy Janis... tem um cabello muito comprido. O melhor caracter do film é o de Renée Adorée mas está pouco aproveitado.

O film é uma propagandazinha surda contra o catholicismo. Estes judeus de Hollywood! E foi uma das cousas tambem que fez a Tia Julieta sahir do Cinema indignada!

Para as admiradoras de Ramon, se bem que agora, a época seja dos Gary Cooper...

Cotação: 6 pontos. — A. R.

PATHÉ-PALACIO

CANÇÃO DO DESERTO — (Love in the Desert) — F. B. O. — Producção de 1929 — (Matarazzo).

Mais um film de "sheiks", beduinos, camellos, deserto, bailarinas, heroe "yankee" e uma pequena arabe do outro mundo que no final, como sempre, se vem a descobrir que tem sangue europeu nas veias. Como se vê dentro do genero é um film com todos os matadores. Mas não vale nada. E' uma "droga". A gente só tem a lamentar que Olive Borden seja a principal victima. George Melford ainda não desistiu de repetir a façanha de acaso que foi "Paixão de Barbaro". Hugh Trevor faz o homem civilisado. E' elle quem beija os labios finos e sensuaes de Olive Borden. Noah Beery, está medonho! Exaggeradissimo, só sabe gesticular largamente e fazer caretas pavorosas. Alan Roscoe, William Tooker e Frank Leigh tomam parte.

Cotação: 4 pontos. — P. V.

CAPITOLIO

A MARCHA NUPCIAL — (The Wedding March) — Paramount — Producção de 1928.

Erich Von Strohein ainda não conseguiu mostrar ao mundo um film completo, uma obra de Cinema como elle entende que deve ser.

Elle sabe perfeitamente, por experiencia propria, que os productores não admittem a existencia do vocabulo Arte. Mas não se emenda. Teima em fazer Cinema. Começa o trabalho disposto a não dar ouvidos a si mesmo. Vê as possibilidades do thema. Escolhe os artistas com carinho. Vem o enthusiasmo. Estende o film. Faz novos pedidos de creditos extraordinarios. O productor avaro e pequenino arreganha os dentes. Fecha o cofre. Ameaça-o. Elle sae. E no fim é sempre a mesma cousa — reduzem e mutilam o seu trabalho de annos de sacrificios. Transformam o seu producto num film-divertimento capaz de ser acceito pelo publico.

Tem sido sempre assim. Que tristeza immensa não deve invadir Von Strohein, quando se convence de que jamais o comprehenderão! Até hoje um unico film seu foi mostrado inteirinho. Foi "Viuva Alegre". Isto é, no final tambem houve uma briga. Monta Bell foi chamado.. Mas os "extras" exigiram a sua volta e o que ficou de Monta Bell não foi além de meia duzia de planos. Pois bem, "Viuva Alegre" como film elle considera abaixo de toda critica. E' o desespero de um artista que se viu obrigado a injectar na sua Arte os microbios da bilheteria. Para o Cinema, entretanto, "Viuva Alegre" representa muito. Para Erich Von Strohein é uma feia mancha na sua obra cinematica.

O seu trabalho mais querido. O film que mais cuidados mereceu do seu cerebro foi "Ouro e Maldição". O mundo só viu pedaços do film. E o acclamou uma obra formidavel. Imaginem os leitores si todos tivessem a sorte de ver as quarenta partes de "Greed" como aconteceu com Rex Ingram e poucos outros felizardos.

"Marcha Nupcial" não escapou á regra. Foi terminado depois de dois annos de filmagem. O thesoureiro da Paramount perdeu dez kilos nos dois ultimos mezes. Arrancou todos os cabellos da cabeça. E quasi pediu demissão. Os chefões tomaram uma providencia e puzeram cobro ao abuso do austriaco. Fizeram-n'o terminar ás pressas. Von Strohein fez-lhes a vontade. E mostrou-lhes o film assim acabado. Foi um horror! O film tinha mais de trinta partes. Não era possivel exhibil-o inteirinho. Só si o fizessem em duas vezes. Ou em series. Chamaram Strohein. Ou elle cortaria o film ou o film seria archivado. Stroheim preferiu levar as latas todas para as trevas do archivo. Mas a Paramount não desistiu. Incumbiram Von Stenberg de cortar a obra. Sonharam até com dois films completos e independentes, extrahidos das trinta e poucas partes. Von Stenberg viu que a tarefa não era para brincadeiras. E desistiu do corte. Mas quem não desistiu foi a Paramount. Erich Von Strohein foi chamado novamente. Tornou a brigar. E acabaram encarregando do corte uns illustres desconhecidos.

Portanto, leitores, o film que está correndo o Brasil com o titulo de "Marcha Nupcial" é apenas um grupo de retalhos do film que Erich Von Strohein imaginou e realizou. E' uma serie de sequencias mutiladas.

São pedaços truncados arrancados da obra original e encadeados numa outra capaz de fazer dinheiro. Eu não condemno absolutamente a vontade de ganhar dinheiro do productor. Elle está no seu direito. E' humano. Mas o que se não admitte é a condemnação systematica que elles lavram a todas as obras de Arte, a todos os films de Cinema Puro, quando são estes films justamente que impulsionam o Cinema para a frente e o tornam cada vez mais digno da admiração de todos.

"Marcha Nupcial" é como um "trailer" do film que Von Strohein terminou para a Paramount. A gente nota que existe uma certa desharmonia entre os seus elementos constitutivos. Uma certa falta de homogeneidade no conjuncto.

Um film de Von Strohein nunca se distingue pelas qualidades da historia. Quanto á forma a gente nada póde dizer porque á excepção de "Viuva Alegre" são todos films mutilados.

"Marcha Nupcial" não tem uma historia palpitante, original, capaz de interessar vivamente. O seu thema nada, absolutamente nada tem de novo. Dizem que é nada mais nada menos, que parte da historia da vida do autor. Seja lá como fôr é até um assumpto banal e banhado de convencionalismo. As personagens principaes — o principe, a pequena do povo e o açougueiro — são até bastante convencionaes. Mas isso não tem a menor importancia tratando-se de um director como Strohein. O que se deve admirar em "Marcha Nupcial" é o profundo conhecimento da linguagem das imagens que o seu director demonstra ter. O que se deve admirar nesta grande obra cinematica é o tratamento genial que recebeu de Strohein. São toques caracteristicos do cineasta de Hollywood, que surgem com nitidez absoluta atravez de toda a obra a despeito das tremendas mutilações que soffreu. O seu profundo conhecimento da vida, o seu incrivel poder de analyse do coração humano, o seu modo de ver os absurdos criados pelo homem, o seu amargor pela vida na alta aristocracia militar antes de 1914, o seu genio de poeta lyrico de imagens, o seu furor satyrico contra o exterior brilhante de castellos e figurões agaloados, a sua delicadeza incomparavel em esquadrinhar os anseios das almas mais puras — tudo isso transparece no decurso do film. Que traçado formidavel de caracteres! Que ironia cruel, desapiedada! A apresentação do "Principe" é extraordinaria. Todos os heroes de films são apresentados, ao despertar, bonitinhos, bem penteadinhos, etc. Von Strohein, não. Elle apresenta-o, ou melhor apresenta-se (pois é elle proprio a principal figura do elenco) tal qual como na vida real — com uma cara lustrosa, olhos pisados, cabellos em desalinho. Como um homem que passou a noite na farra. Vocês pensam que elle accende um cigarro e põe-se a fumar elegantemente? Qual! Elle primeiro experimenta o gosto de cabo de guarda-chuva que tem na bocca. E depois limpa os olhos...

Que ironia na apresentação dos paes do "Principe". Que scenas significativas! A sequencia da procissão de "Corpus Christi" é uma das mais formidaveis paginas de Cinema que tenho visto. A atmosphera é perfeita. A gente tem a impressão de que está assistindo realmente á cerimonia religiosa. Os typos, os movimentos do povo e dos militares, os detalhes descriptivos, tudo é extraordinariamente real. Mas essa sequencia não tem sómente o valor de reconstituição. Serve para marcar o

primeiro contacto do "Principe" com a pequena do povo" e ao mesmo tempo para a apresentação do villão.

O romance amoroso de Von Strohein e Fay Wray é de uma belleza raramente vista. E' lyrico, é espiritual. Que singeleza de idyllios! Que delicadeza de descripção! E que formidavel detalhe, o da rendição amorosa! São scenas delicadissimas, de grande belleza espitual! E tanto mais bellas quanto mais entremeiadas das realistas imagens do bordel e do açougueiro.

Von Strohein é um grande poeta satyrico. E' incommensuravel o seu poder de critica opportuna, mordaz e sem cerimonia. Os caracteres centraes deste film são postos á nu' diante da gente com tanta verdade e realismo que não parecem criaturas criadas na téla, mas almas arrancadas da vida.

As scenas de orgia passadas no bordel despem de toda hypocrisia as almas de George Fawcett e George Nichols. São quadros maravilhosos que envergonham o homem de tão verdadeiros.

A apresentação de Zasu Pitts é uma sequencia portentosa. As scenas que mostram o açougueiro com Fay Wray chegam a mexer com as visceras da gente.

"Marcha Nupcial" apresenta um dos mais perfeitos estudos de caracteres do Cinema. A sua historia amorosa é uma das mais bellas e ao mesmo tempo das mais reaes. E no seu decorrer são apresentadas algumas das mais nojentas scenas que o Cinema já viu. Mas antes de serem nojentas são reaes e humanas.

Von Strohein é formidavel. Elle mistura as scenas mais delicadas com as mais repugnantes. Elle é o poeta que faz versos elevadissimos abrigado no chiqueiro, entre os porcos.

O final parece convencional. Apresenta uma situação conhecida. Mas o contrario é que seria realmente convencional. Como está é mais humano. E depois está tão bem composto que a gente esquece tudo o mais para só ver a direcção formidavel de Von Strohein. Aliás o film não acabava ali. Continuava.

"Marcha Nupcial" apesar de mutilado apresenta todas as grandes virtudes e poucos dos pequenos erros de Erich Von Strohein. E' o sentimento mais elevado correndo ao lado do materialismo mais grosseiro e irritante.

E' um film que tem uma historia simples, quasi fâmiliar, mas com um tratamento formidavel em materia de vitalidade, atmosphera e exposição de fraquezas humanas. Os letreiros são numerosos e antiquados. Mas, como já disse, num film de Strohein a gente não póde alimentar exigencias de forma por se tratar geralmente de trabalho mutilado.

A sequencia da procissão de "Corpus Christi" tem colorido. E' um bonito colorido. Mas, francamente, eu acho que estragou quasi toda a imponencia, o brilho e a verdade da procissão.

A interpretação com uma tal direcção não poderia deixar de ser extraordinaria. Erich Von Strohein encarregou-se elle proprio do principal papel masculino.

O seu trabalho não deixa a desejar. Acho apenas que elle poderia encontrar um typo melhor. Com certeza teve receio de que não comprehendessem o papel. Fay Wray é quem mais se salienta no film. Pequena formosa, de temperamento extremamente sensivel, Fay registra todas as nuances imaginadas por Strohein. George Fawcett e Manda George são dois motivos para a expansão do espirito ironico do director. George Nichols e Zasu Pitts revelam um pouco do seu pessimismo. Matthewz Betz é o traço mais forte de realismo repugnante. Cesare Gravina, Dale Fuller e Syd Bracey são outros coloridos do film.

O film tem duas cousas que não são dignas do genio de Erich Von Strohein: o fantasma que apparece sobre impresso em varias scenas e a mão de esqueleto tocando orgão no final. São dois cochilos do grande cineasta.

Mas não é isso que vae impedir vocês de irem correndo ver o film... Erich Von Strohein deixou os seus "fans" muito tempo do lado de fóra da Igreja á espera da sua marcha nupcial... Mas valeu a pena.

Desde "Ben-Hur" nenhum outro film demorou tanto para ser terminado.

Pena que o film fosse lançado sem uma publicidade que dissesse o seu valor.

Cotação: 9 pontos. — P. V.

A MASCARA DE FERRO — (The Iron Mask) — United Artists — Producção de 1929.

Douglas lembrou-se do successo do seu "Os Tres Mosqueteiros" ha uns seis annos passados. Teve vontade de renovar a receita de então e avial-a de novo. Leu a continuação de "Os Tres Mosqueteiros" — "Vinte annos Depois". Leu depois "O Visconde de Bragelone". E tambem leu outros livros de Dumas. Ficou enthusiasmado. Teve vontade de filmar todos. Mas não era possivel: teve que se contentar com um. Então resolveu tirar um pouquinho de cada livro e compor um novo enredo. E assim fez. Depois do que entregou o trabalho de concatenar imagens a Lotta Woods.

Finalmente contractou Allan Dwan para se encarregar da direcção.

O film não negou fogo. Tem o mesmo espirito de aventuras e romance que caracterizou "Os Tres Mosqueteiros". E' um film que traz a marca de Douglas Fairbanks em cada trecho. E' estranho, não é? Pois é muito simples: Douglas é um artista que escolhe as historias dos seus films, auxilia a composição do scenario e preside a propria direcção. E os seus films são, portanto, quasi sempre, o reflexo de sua personalidade que indiscutivelmente é a mais romantica de quantas têm surgido na téla.

Este film é pois um film caracteristicamente de Douglas Fairbanks. Não é dos melhores. Está muito aquem de um "Marca de Zorro". E' inferior mesmo a "Os Tres Mosqueteiros". Mas é esplendido como divertimento.

Douglas com a preoccupação de escolher o melhor acabou por só retirar dos livros que leu o que lá havia de acção rapida. E como acção em romances de capa e espada resume-se apenas em duellos e mais duellos o film quasi que só tem duellos. São duellos é verdade. Mas vocês sabem como são os duellos de Douglas. São duellos de facto. Rapidos e fulminantes, enthusiasmam e empolgam. Os duellistas são sempre agilissimos, elle o mais agil de todos. E a lúta é mostrada com a maior variedade de angulos possivel.

O film só tem o elemento de aventuras de capa e espada. Não tem elemento amoroso. Não entra em analyse de psychologias individuaes. Traça os acontecimentos mais movimentados da vida dos heroes criados pela penna de Dumas. E traça alguns mesmo inventados por Douglas... E depois mostra como acabaram as suas vidas. O unico elemento sympathico do film é a amizade que une os heroes. A unica qualidade humana, o amor da rainha. O mais são duellos. Todos admiraveis, cada qual mais movimentado.

O principio mantem o mesmo espirito de "Os Tres Mosqueteiros". E' como uma recordação do film de ha seis annos. Depois desapparecem "Milady de Winter e Constance Bonacieux", todo o conflicto de almas, todo o drama de corações. Ficam somente as espadas de aço e os pulsos de ferro, a coragem indomita e os corpos ageis. Passa a ser uma narrativa de aventuras de esgrimistas.

Mas não pensem que o film desagrada por isso. A sequencia da morte dos heroes toma conta da gente. A morte de "D'Artagnan" é maravilhosa. E os duellos apesar de repetidos são de enthusiasmos. Os "sets" que o film apresenta são bellissimos... São verdadeiras pinturas dignas de um Rembrandt, com as suas figuras romanticas bem arrumadas no centro.

Douglas Fairbanks é o mesmo de sempre. Elle fala. Mas o que elle diz não pertence ao film. Elle teve vontade de falar e prompto! não soube resistir. Ah! Douglas o Cinema está envergonhado de ti! Mas isso fica para outra vez... Gino Corrado, Stanley Stanford e Leon Bary são os mosqueteiros. Outros são Ulrich Hanpt, Rolle Sedan, William Bakewell, Belle Bennett, Marguerite de La Motte, Dorothy Revier e outros.

Cotação: 7 pontos. — P. V.

"CANÇÃO DO DESERTO" TEM OS LABIOS DE OLIVE BORDEN...

OS PECCADOS DOS PAES — Sins of the Fathers) — Paramount — Producção de 1929.

Emil Jannings cada vez fica mais convencido de que é um grande artista. E' o que o perde. Em Hollywood só ha um director capaz de dominal-o. E' Lubitsch. Que o reduziu a expressão mais simples em "Alta Trahição". Os outros todos têm medo de Emil. Têm medo eu não têm bastante força para o convencerem de que não é um grande artista. Ou então póde ser que não sejam capazes de, diante da alta direcção da Paramount, fazerem valer as suas vontades de preferencia a de Emil Jannings, toda ditada pela sua vaidade.

Este film começa muito bem. Com cada cousa no seu logar. Logo de sahida apresenta uma sala de restaurante de luxo como nunca se viu. Cada detalhe estupendo. Uma movimentação de "camera" de tal ordem que a gente fica delirante de enthusiasmo. Uma representação correcta. Depois vêm varias sequencias para mostrar a vida no lar do heroe. E surgem novos detalhes magnificos. Entre elles a scena de profunda observação e ironia do pae a carregar o filho como si fôra uma bandeja. Seguem-se ainda sequencias ricas em qualidades humanas, em que um perfeito estudo de vida domestica é traçado. Vem a tragedia da Prohibição. E surgem os quadros mais perfeitos da loucura que precedeu o regimem secco. E depois o trecho tragi-comico da dissolução da felicidade conjugal. E prompto? Dahi por diante Ludwig Berger passa a ser capacho de Emil Jannings. O film desanda por uma serie interminavel de scenas banaes e inuteis, cheias do sentimentalismo mais piégas que existe. E' tudo convencional. Tudo edificado a força. Com o fito unico de dar opportunidade a Emil

(Termina no fim do numero).

THE GIRL FROM HAVANA — FOX:

Aquelle elegante "plot" que trata de ladrões de joias e um guapo detective fórma o segundo esforço cinematico do "team". Paul Page — Lola Lane, que surgiu pela primeira vez em "Speaheasy". Muitas gargalhadas. A maior parte da acção tem logar dentro de um navio, que navega com destino a Havana, mas apparece muito pouco do que devia apparecer associado a uma atmosphera maritima. O romance perde-se. Indubitavelmente isso deve-se ao facto de terem sido quasi todas as scenas a bordo do navio confeccionadas no proprio studio da Fox.

Entretanto, o que apparece de Havana é authentico. Ficariamos mais satisfeitos si o film nos désse um pouco mais de Cuba e um pouco menos de Lola Lane e Paul Page, que, aliás, não têm muito que fazer. Uma comedia razoavel. E veloz.

WORDS AND MUSIC — FOX:

Si é verdade que os clubs dramaticos montam espectaculos de amadores com formosuras femininas vestindo uma fortuna em "toilettes" importadas de Paris, formidaveis adereços e coristas vestidas com quatro perolas, Florenz Ziegfeld deve ter sido um professor! E no entanto, o fundo, de "club" dramatico é um méro pretexto para outra revista que apresenta entre muitas cousas as mais extravagantes vestimentas, um bailado por Lois Moran que recorda assim um facto já enterrado pelos seus proprios agentes de publicidade — o de ter dansado na Opera de Paris — e varias canções mediocres.

Uma festa de natação no melhor estylo de De Mille, um proprietario de loja de musicas e um côro de estudantes foram addiccionados ao "plot" de modo que não sabemos si os figurantes da revista são amadores ou estudantes. Mas isso mesmo não importa.

UMA SCENA DE "RIO RITA"

SCENA DE "THREE LIVE GHOSTS" COM JOAN BENNETT

FUTURAS

WOMAN TRAP — Paramount:

No principio deste drama Hall Shelly é um rapaz risonho e brincalhão. Mas qualquer cousa o transforma de tal maneira que não se encontra uma explicação logica. Imaginem vocês que elle se decide a ser um energico detective, um infatigavel defensor da lei.

E no decurso de sua mudança de vida põe a corda no pescoço do irmão de sua pequena, provoca o suicidio de seu proprio irmão e causa a cegueira de sua velha mãe.

Evelyn Brent ajuda a accumular as tragedias com o seu sabor de vingança. E a moral do film diz que si bem não sejam tão bons os beneficios de qualquer maneira é melhor ser um policial do que um larapio. O film não é grande cousa. Todos se esforçam muito mas o que é que se póde fazer com uma historia tão má? Chester Morris é o melhor do elenco.

FAST COMPANY — Paramount:

Este film foi extrahido de uma historia de Ring Lardner um dos melhores sinão o melhor autor de historias sobre jogadores de "base-ball".

E' uma historia com fundo de "base-ball" portanto. Mas não fujam porque é bem interessante. O drama está bem construido tanto na parte que se desenrola no campo de jogo, como na parte que tem logar fóra delle. Jack Oakie trabalha a vontade. Elle está cheirando a astro de primeira grandeza. Skeets Gallgher e seu companheiro. E Evelyn Brent toma parte.

SPEEDWAY — M. G. M.:

A platéa riu muito portanto deve ser engraçado. A mim entretanto me pareceu o mais triste espectaculo de varios mezes. Senti-me como o unico convidado triste numa rumorosa festa que fica a olhar os outros se fazerem de malucos. William Haines resume os outros quando começa a fazer caretas, a dar saltos no ar e a metter o dedo na bocca. Toda a logica da historia do velho automobilista que procura um substituto joven para o atirar sobre o seu rival na vespera da grande prova foi destruida pela mania de fazer graças que parece dominar William Haines.

Ernest Torrence trabalha valentemente para fazer do velho motorista de coração fraco uma figura sympathica. Mas o espirito destruidor de Bill inutilisa tudo diante delle.

THREE LIVE GHOSTS — United Artists:

São tres fantasmas muito vivos e engraçados. Elles morreram na guerra e a velha mamãe gastou a importancia do seguro. Não podem voltar á vida em taes circumstancias! Talvez seja falta de "suspense" — ou quem sabe que não é a presença de tantas caras novas para a téla? — a causa de deixar a gente insatisf 'a quando sáe do Cinema. Tudo Broadway. Nem uma simples figura familiar. E' o mesmo que se estar só numa cidade estranha. Beryl Mercer ganha todas as honras. Ella é maravilhosa no papel de mãe. Joan Bennett não vae lá muito bem. Mary Brian que se criou nos studios faria muito mais no seu logar. Robert Montgomery, Claude Allister e Charles Mc Naughton são os tres fantasmas. E só convencem quando a gente entende o seu inglez fanhoso.

HAPPY DAYS:

Deve haver um rapaz educado envolvido na producção de "Happy Days" um rapaz que tenha gasto um bom par de mezes em algum estabele-

UMA SCENA DE "ILLUSION

ESTRÉAS

cimento de ensino. Ha symptomas da verdadeira côr local nesta comedia construida em torno de dois estudantes companheiros de quarto que se apaixonam pela mesma collega. Elles são Eddie Nugent e Robert Montgomery. Ella é Sally Stan que é a mais promettedora pretendente aos sapatos de Clara Bow que já surgiu na téla. Sally sabe dansar! Sabe cantar! Sabe representar! Ella tem seducção, belleza, voz e sex appeal — e o que é mais precioso ainda, mocidade!

Além de Sally Stan o film tem varias situações admiraveis, uma musica saltitante e um jogo de "football" capaz de emocionar de facto apesar de se ter a certeza desde que começa que tudo terminará bem.

RIO RITA — F. B. O.:
E' difficil escolher entre felicitar um velho amigo e glorificar uma nova estrella numa critica de "Rio Rita". Estou convencido de que nunca vi Bebe Daniels antes de a ver neste film. Ella cresceu nos films e soffreu tudo o que soffrem as estrellas "yankees" de nascimento. Foi preciso uma revolução no Cinema e a invenção de uma nova fórma de divertimento para mostrar aos norte- americanos o que elles tinham. No papel de "Rita" Bebe Daniels inicia uma nova carreira com a mais delicada voz que já se escutou num Cinema. E nunca surgiu tão formosa como apparece nas roupas que revelam a sua ascendencia hespanhola.

E' com orgulho que considero o seu trabalho em "Rio Rita" o mais perfeito do Cinema depois do advento dos "talkies". John Boles coadjuva-a com a sua bella voz. As montagens são maravilhosas. Bert Wheeler faz rir.

BIG TIME:
Um novo film com fundo de bastidores de theatro. Não apresenta novidades. Quasi todos os caracteres centraes são vividos por estranhos. E' com verdadeiro allivio que a gente de repente vê surgir a belleza loura de Josephine Dunn.

E' um film parecidissimo com muitos outros do mesmo genero. Qual! os productores deviam prohibir os scenaristas e directores de irem ao Cinema...

THEY HAD TO SEE PARIS — Fox:
E' um film notavel por tres motivos. Marca uma nova visita de Will Rogers á téla. Confirma que a extraordinaria interpretação de Marguerite Churefill em "The Valiant" não foi somente obra do acaso. E apresenta Ivan Lebedell na sua maneira caracteristica de europeu como o novo typo de heroe romantico da téla.

Numa "season" tão povoada de caras feias e estranhas é um prazer a gente ver um heroe bonito acompanhado de outras caras conhecidas. Will Rogers ainda é um bom comediante.

WHY LEAVE HOME? — Fox:
Bom divertimento si bem que tenha a sua fraca historia impregnada de "numeros" de "cabaret". Walter Catlett e Ilka Chase divertem muito. Nick Stuart e Sue Carol no emtanto têm poucas opportunidades. Sue tem um "numero" de canto que é um assombro.

Na farça a acção deve ser rapida e as gargalhadas bem controladas. "Why Leave-Home?" deixa a desejar por este lado. Em todo caso póde ser visto. A montagem do café é linda. A atmosphera ahi tem côr apesar de só ser animada pelos caracteres do film.

ILLUSION — Paramount:
E' um film cujo successo depende dos "fans" acreditarem no seu "plot". E' um film-fantasia. Hoje em dia quando a gente vê na téla dois heroes lutando para abrir uma carreira de successo como "numero" de variedades adivinha logo que um delles cáe fóra para só voltar no final arrependido e curado.

E' um drama. Mas a sua pesada dramaticidade não se coaduna com o typo de Charles Rogers. Emoções de adulto enfeiam o seu rosto e quasi destróem a sua belleza juvenil e o seu encanto.

Nancy Carroll joga o seu papel de metade de "numero" tão desesperadamente bem que a gente fica a sonhar com ella num papel mais merecedor do seu talento.

THE VIRGINIAN — Paramount:
Esta nova versão de "The Virginian" é um dos melhores "talkies" até a presente data, e prova que nos grandes descampados a voz tem mais successo. A atmosphera do local e da época estão admiravelmente bem impressas. Sensação, suspensão, comedia, romance, gado e saias-balão. Tem de tudo. E' o primeiro film falado de Gary Cooper. A voz fal-

MARY BRIAN E RICHARD ARLEN EM "THE VIRGINIAN"

o ainda mais vibrante. Richard Arlen tem um optimo desempenho. E Mary Brian está simplesmente adoravel. Não o percam.

THE TRESPASSER — U. A.:
O primeiro film de Gloria Swanson depois de uma ausencia de perto de dois annos da téla é muito importante para ella e para o seu publico. Para ella porque provavelmente significa um novo degrau na escada da (Termina no fim do numero).

Cinema de Amadores

(F I M)

lado do assumpto, é preciso usar o rebatedor afim de illuminar um pouco mais o outro lado.

Esses rebatedores são principalmente usados quando se precisa apanhar um "close-up" de uma pessôa que usa um chapéo de abas muito largas ou que se acha na soleira de uma porta. Um pouco de luz reflectida sobre a face ensombreada dará um bello relevo ás feições. A vista pouco experimentada do amador não notará a differença introduzida pelo emprego do rebatedor, mas a pellicula sensivel notal-o-ia com grande facilidade. A unica razão devida á qual os rebatedores não se têm tornado populares entre os amadores é o seu tamanho um pouco demasiado, o que difficulta immenso o transporte. No entanto, todo amador que deseja realmente melhorar o seu trabalho usará rebatedores sempre que fôr possivel.

Passemos agora a outro ponto. Falemos sobre os tripés. Emquanto o amador moderno se vê cada vez mais inclinado a supprimir o tripé, é este o segredo da filmagem perfeita, sem tremulações nem falta de firmeza. Si os films de um amador tremulam ou vibram quando são projectados, a primeira coisa que esse amador precisa fazer é abandonar a pratica da filmagem com a camara entre as mãos, e adquirir um tripé. Isto já está reconhecido por todos os amadores serios. Um amador consciencioso nunca deixa de usar o tripé.

No entanto si o leitor destas linhas já está satisfeito com os resultados obtidos, estas suggestões parecerão inconsequentes. O profissional e o amador de longos annos não precisarão do que aqui se suggere. Mas o principiante, esse experimente o que aqui se recommenda, e verá como os resultados melhorarão quasi que instantaneamente!

---

(1) — E não é mesmo! O autor aqui tem toda a razão. Eu proprio venho usando a camara photographica desde 1921 e no entanto ainda faço erros de exposição, apezar de serem raros, graças a Deus...

(2) — O "Cinophot", que é para quaesquer camaras cinematographicas, assim como o "Dremophot" que só serve para camaras de amadores, ou o "Justophot" que só se usa com as camaras photographicas são productos da Drem Corporation de New York. O preço do primeiro bem como o do segundo é de 12 dollares e 50 cents. O preço do terceiro é de 10 dollares e 50.

O "Cinophot" póde ser encontrado na Kodak Brasileira porque foi desenhado principalmente para o Cine-Kodak, assim como o "Dremophot" o foi para o Film.

(3) — Um pé inglez tem exactamente 333.333 millesimos de millimetro. A trena a que se refere o autor deve ter portanto 16 metros e 666.650 millesimos de millimetro. Ou recommendaria uma trena de 30 metros porque dessa distancia para diante o fóco é "infinito", como se diz.

(4) — Este apparelho a que o autor se refere, e cujo nome não sabe dizer é nada mais nada menos que um "telemetro". Todas as bôas Kodaks, por exemplo, são munidas do "Telemetro Kodak".

UM PRAZER TODO MEU

De passagem pelo Rio, deu-me o prazer da sua visita o amador paulista José Frederico Seliger, cujo trato muito me captivou. Seliger havia deixado São Paulo já com o intento de fazer uma visita ao "Cinearte" e, em especial de procurar a secção de amadores.

Durante as horas que passamos juntos, trocamos as nossas idéas sobre o Cinema de Amadores. O nosso collega queixou-se da difficuldade que se tem, em São Paulo, de se encontrar um livro sobre Cinema. Mostrando-lhe aquelles que consegui arranjar aqui no Rio, elle me disse que o facto parecia indicar a maior facilidade de se arranjarem livros e revistas sobre Cinema aqui do que em São Paulo.

Falando sobre a sua camara Ernemann, o nosso amigo disse que o amador só e isolado não poderia jamais produzir grandes coisas, a não ser que desejasse arruinar-se monetariamente.

O preço do film virgem standard para a sua Ernemann, disse José Seliger, é de 1$800 por metro. Desse modo, cada magazine typo standard vae custar ao amador 54$000, quando o magazine typo 16 mm. custa 60$000 "incluida a revelação", e o magazine typo 9 mm. sáe por 7$800. Conforme o seu desejo, disse o amador paulista, o ideal seria a fundação de um club de amadores, sob o patrocinio de "Cinearte".

Prometti pensar a respeito e submetter a suggestão aos directores de "Cinearte". Si o facto fosse possivel, para o que me parece ainda um pouco cedo, seria conveniente uma especie de Congresso dos Amadores Brasileiros para a elaboração de uns Estatutos baseados nos interesses de todos. E do calculo de quanto deveria pagar cada amador, sendo que esse calculo deveria ser baseado no numero dos componentes immediatos. O total entrado em caixa seria empregado na compra do material, e cada amador entraria com a sua experiencia em tal ou qual ramo do Cinema de Amadores.

Que pensam os amadores desta idéa?

José Seliger crê firmemente no desenvolvimento do Cinema de Amadores no Brasil. José Seliger está interessado no Cine-Fone bem como na Kodacolor. Aliás disse que em São Paulo ha varios amadores que procuram fazer synchronizações com discos de cêra, mas que essas tentativas até agora têm falhado.

Mostrei-lhe uns trechos apanhados com a camara Pathé-Baby, e que me tinham sido enviados pelo amador Ramão Planella de Porto Alegre. Trechos incluindo titulos, vistas "viradas", etc. José Seliger ficou encantado com o trabalho do seu collega de Porto Alegre.

Ahi fica o elogio de um para o incentivo do outro. E que o Cinema de Amadores vá tocando, é o que eu desejo!

CORRESPONDENCIA

Jorge Julien (Catanduva)—Escute, chefe: toda pequena que toma parte em um film ha de se mostrar "temperamental", por força, principalmente si o film é de Amadores. O contrario é que seria difficil. Vá me dando noticia de tudo quanto fizer, que eu publicarei. Agradeço o abraço, e desejo-lhe successo. Tem gostado dos artigos publicados na nossa secção? Têm-lhe interessado os graphicos publicados?

O NOIVO DE CLARA BOW

(Conclusão do numero passado)

altruismo — dinheiro, tempo, forças, amor. Clara não é muito mundana. A sua vida fóra do Studio, é ella quem a dirige. Os mexericos tem-na magoado muito.

E temos assim que uma das mulheres mais celebres do Cinema é uma pobre creança, fatigada, desventurada que tem clamado pela vida e como resposta recebido apenas o éco das suas proprias palavras.

O Ideal de Maximo Serrano

(F I M)

vontade, com carinho e com dedicação — tudo fazendo para acertar!...

Se acertei não sei, mas fiz tudo que poude fazer...

— E do seu ultimo film, que nos diz?

— "Sangue Mineiro", que breve, o Rio de Janeiro verá é uma outra demonstração do esforço, da tenacidade e do talento de Humberto Mauro. E' uma das maiores realisações do Cinema Brasileiro e uma mostra do que de bom e de perfeito já se faz entre nós.

— E do seu papel nesse film?

— O da minha predilecção: sentimental.

Uma nevoa de enthusiasmo nos olhos:

— Como no "Thesouro Perdido" e em "Brasa Dormida", em "Sangue Mineiro", eu sou o homem que ama e que por muito amar muito soffre. Tenho a impressão de que Humberto Mauro me reserva esses papeis por comprehender bem o meu feitio artistico...

— Qual o accidente mais curioso que lhe occorreu na filmagem das pelliculas em que figura?

Maximo Serrano cerrou as palpebras e assim se deixou ficar por instantes, recordando, para responder: — Agora, na filmagem de "Sangue Mineiro".

E um punhado de detalhes:

— Era preciso que me empenhasse em renhida peleja com o meu rival, no film. Luta titanica e cruel, era impossivel conseguir-lhe a impressão de brutalidade que o director desejava apenas numa simulação. Dahi assentarmos todos os planos, pelos quaes eu provocaria o outro obrigando-o a reagir e então...

Serrano jogou, para longe, a ponta do cigarro e continuou:

— Tudo preparado me approximei do rival e provoquei-o. Elle, bisonho na arte, de temperamento exaltado, avançou para mim. Aggredi-o e elle respondeu tal desejavamos, empenhando-nos em terrivel luta corporal. O director realizara o seu desejo. Depois de fixar na machina os momentos mais brutaes da nossa luta que avariou o nariz de um e a cara de outro, derramando o sangue de ambos, interveiu, sorrindo. O rival — um grande amigo, por signal — ficaria meu inimigo figadal se Humberto Mauro não lhe explicasse o motivo pelo qual eu o provoquei...

E rematando: — E isso sob compromisso de não mais convidal-o para scenas tão desagradaveis...

* * *

— Projectos para o futuro? Tem alguns?

— Sim. Vou trabalhar num film de Carmen Santos e para breve começarei a trabalhar em outro tambem sob a direcção de Adhemar Gonzaga. A seguir farei "Canga Bruta" para a Phebo Film animado sempre do mesmo enthusiasmo e da mesma devoção!

* * *

Maximo Serrano vive, com devotamento, para o Cinema. Estuda-lhe os segredos, esmiuça-lhe as intimidades, preoccupado em tudo descobrir e aprender. Quando elle entra num Cinema não o anima o objectivo que a todos nós enfeitiça: vae estudar, vêr a movimentação de machina, os angulos, tudo na ansia insaciavel de aperfeiçoar os seus conhecimentos. Dahi responder, assim, a nova pergunta em que o envolvemos:

— Não canso de estudar, é certo, mas as melhores lições que aprendi foi com Humberto Mauro, um dos technicos de direcção de Cinema mais competente, para quem o futuro reserva, tenho certeza, as glorias maiores. No seu esforço herculeo em prol do engrandecimento do Cinema Brasileiro não o movem os imperativos do interesse! E é exactamente por isso que elle ha de vencer!...

Das artistas do Cinema Brasileiro a que Maximo Serrano mais aprecia é Thamar Moema.

— Ella, disse-nos Serrano, é a encarnação maxima da pequena brasileira e tem no corpo toda essa elegancia trabalhada pelas mãos da natureza no sol destes bemditos tropicos!...

* * *

Maximo Serrano, agora que davamos por finda a nossa palestra, ao apertar-nos a mão na cordeal despedida, fez questão de frizar:

— Não esqueça de dizer que a maior fonte de estimulos, o guia, o clarão que illumina os passos da Cinematographia Brasileira é, para mim, o "Cinearte"...

BARROS VIDAL

Grande Hotel

(F I M)

conde o namorado no seu quarto e apaga todas as luzes do hotel, justamente no momento em que o diplo-

NANCY CARROLL

mata e um detective saccavam de um revolver para se enfrentarem. Os animos exaltam-se na escuridão... abrem-se as portas e a escadaria fica apinhada de gente.

Minutos depois voltam as luzes a ficar accesas mas o luxuoso hotel dá a impressão de um campo de batalha. A joia roubada fôra encontrada e com esta occorrencia o joven sabio está salvo. Anny, por seu lado, conseguira arranjar bastante dinheiro durante a confusão. Como e de que fórma ninguem soube. Finalmente tudo fica em paz. Mas, não obstante, o joven sabio conserva-se no seu quarto e, pelas duvidas prefere conservar-se ahi.

De São Paulo

(F I M)

idolatro Joan Crawford... á você eu quero bem. Muito bem! Janet... você me deixa beijar suas mãozinhas?...

Rudolph Schildkraut é notavel. A sua scena de cegueira com Janet, é um mimo de arte e sentimentalismo. E Charles Morton é um galã acceitavel.

Lucy Doraine é que não serve nem para criada de Billie Dove!

William K. Howard já fez cousa melhor, entretanto.

O MASCARA DE FERRO (The Iron Mask) — U. A.

Não gostei. Porque acho que Douglas já fez cousa muito melhor. Este seu film é admiravelmente luxuoso. Possue montagens estupendas. Tem uma historia regularmente aventuresca. Focaliza "Os 3 Mosqueteiros" e mais D'Artagnan em mais uma série de aventuras de rompe e rasga.

Peor do que a synchronização deste film, só a de "Alta Traição"!

A melhor figura do film é o Nigel de Brullier. Douglas... E' um bom rapaz e um excellente marido. Podem ver as... montagens!

Allan Dwan cochilou.

O HOMEM E O MOMENTO (The Man and the Moment) — F. N. P.

George Fitzmaurice, com um idyllio e com as suas composições photographicas de uma arte inexcedivel, burla o publico.

E' um habil illusionista.

Este film, é um exemplo. Sem a preoccupação de fazer arte, como em "Sangue de Bohemio", elle fez este film. E' uma historia de Elinor Glyn. Tem a linda Billie Dove e o elegante Rod La Rocque como heróes e offerece aquelle aspecto do baile, que é curioso e uma synchronização interessante.

Os dialogos são 4% do film.

O enredo é tolo. Mas os artistas principaes e Gwen Lee, mais a direcção de Fitzmaurice e aquel le idyllio com guitarras hawaïanas, salvam o film da mais absoluta vulgaridade.

Assim falou o mudo

(F I M)

Certo dia é a mãe da pequena trazida á casa pelo chefe dos ladrões para receber a filha, porém não dispondo do dinheiro na occasião, volta para o ir buscar. Desconfiando os larapios de uma cilada e um ataque da policia, nesse mesmo dia, á noite, levantam acampamento, indo para uma casa no campo, onde costumam fazer suas reuniões e partilhas.

Arranjada a partida tão inesperadamente, tem Barney apenas tempo de traçar num pedaço de papel dois riscos indicando o roteiro que vão seguir, mandando-o a Babbing pelo mesmo espia gazeteiro.

A viagem é feita em automoveis, noite a dentro, com grande pressa, e quando chegam á casa, mortos de cansados, deitam-se os dois pequenos a dormir mesmo ali sobre as cadeiras. Barney, que até então se portara como o mais mudo de todos os mudos, sonha que está comendo um doce e que Peggy lh'o arrebata. O pequeno abre a guéla no mundo, berrando um protesto tremendo.

Um dos ladrões, que o ouve, deixa cahir o queixo de assombro. — Estamos trahidos! brada. Este patife não é mudo não é nada! Veiu aqui a mandado de alguem para colher-nos a todos! E pegando Barney pelo gasnete vae já matal-o de um estouro no sólo, quando Rose, sempre condoida, sempre bondosa, intervem, salvando o garoto de morte certa.

Mas emquanto isto, vendo-se inesperadamente descoberto, e sabendo já estar Babbing de caminho para o ataque á casa, resolve o garoto armar-se á bandoleiro, e surrupiando o revolver de um dos sicarios do chefe, salta de arma em ponto: — Quem se mexer, morre! — diz elle como quem quer fazer fogo de verdade. Todos se entreolham, e conservam seus logares. Barney vae galgando a escada, para ganhar o matto e ir ao encontro da policia, quando eis que surge no local, vindo de fóra, o brutamonte do proprio Cooper. Não tendo recebido sua partilha nos ultimos roubos, vem saber o que tem Blakie feito do dinheiro.

— Que ha aqui? — brada Cooper pegando o garoto pelas costas, desarmando-o. Os outros explicam a situação, mas antes que Cooper possa castigar o menino ou desforrar-se do bandido que o engana, ouve-se lá fóra a chegada de automoveis. Os ladrões, como coelhos espantados da tóca, escapolem-se pelas trazeiras da casa — porém cáem no cerco fechado da policia! Todos, sem faltar um!

(Termina no fim do numero)

Do Porto, Portugal. Zita d'Oliveira entrevistada para Cinearte

(F I M)

como sabe, se em Hollywood é difficil, em Portugal não é mais facil, motivado pela pouca producção. Um dia deparei com um annuncio no "Diario de Noticias" pedindo senhoras bonitas para colaborarem num film. Uma oportunidade que raras vezes se proporciona. Depois de hesitar por algum tempo resolvi apresentar-me mas confiada no insuccesso. Lá estava o meu espelho a atesta-lo.

— Não seja tão modestinha, que isso não lhe fica nada bem.

— Não seja tão lisonjeiro que isso não é bonito. Continuemos... Appareceram umas quinhentas concorrentes, calcule que foram todas submetidas a um aturado exame artistico. Rino Lupo, pois era ele quem havia deitado o annuncio no fim deu-me por preferida, o que me causou uma alegria incalculavel, confesso. Novos estudos, dotes fotogenicos, gestos e depois confiou-me um papel dramatico, que não sendo muito grande, é, no entanto um pouco dificil pois como sabe sou uma principiante, e scenas há, nestes filmes, quasi todos tenho que fazer expressões mesmo sem falar o que se torna muito mais dificil e chama muito mais a atenção do publico sobre mim. Estou crente que não vou agradar, precisamente por isso, pois tenho a impressão de que me tenho sahido bastante mal do meu encargo.

— Continua a ser modesta. Ficam-lhe muita bem esses sentimentos! Pois minha amiga toda a gente que a tem visto posar ante a camara é unanime em afirmar que Você se tem sahido á maravilha, e que tem qualidades como poucas.

— Se continua a desmentir-me, zango-me consigo, e nunca mais lhe falo cinco minutos sequer.

— Antes que me esqueça. Os seus artistas preferidos?

— O fleugmatico Pamplinas e uma miss que que costume aparecer nos films comicos, e que deve pesar aproximadamente 250 quilos, está satisfeito?

— Faz-me um favor, não brinca comigo?

— Devia, mas não! Gosto muito de Clive Brook, de Jannings e aprecio imenso Chaplin.

-- Colegas suas, quaes?

— Norma, Janet e Lilian Gish são para mim trez das maiores stars. Estou tambem interessada em ver trabalhar Lia Torá que só conheço atravez das fotos e que presumo ser uma gentil artista, tambem não desgostaria de ver Olimpio Guilherme que é "muy guapo".

— Mas que yo?

— Si mas que Usted. Mui más!...

(Nesta altura fiquei desconcertado. E eu que sou tão bonito, segundo diz a minha avó).

— Uma pergunta sobre a grande questão de momento, sois pelo film falado ou pelo mudo?

— Nada lhe posso dizer. Tenho ouvido e lido muito sobre esse asunto, há quem diga que o film falado é uma maravilhosa invenção, outros dizem ser o film mudo o melhor de todos. Compreende sem ter visto não me posso pronunciar, não é verdade?

— E você que pensa ácerca disso, é uma coisa que agora tenho interesse em ouvir?

— Partindo do principio que só depois de ouvir me posso pronunciar, estou como você, nada posso dizer, mas se der largas ao meu pensamento e avaliando algumas opiniões de alguns entendedores mestres a ex-Arte muda, acho que o film falado é detestavel admitindo sómente o film sincronizado, que confesso sendo a sincronização bem feita é superior ao mudo. Eis, pois, cara Amiga a minha opinião.

— Muito bem! Falou que nem um emprezario dum salão, mas desde já fique sabendo que essa opinião não me satisfez. Esteve quasi.

— Adiante. Faz sport?

— Sim, um pouco de tudo. Tenis, patinagem, natação, basket e automobilismo, e um pouco de ginastica sueca e ritmica.

— Para terminar peço-lhe que se digne oferecer algumas fotos para "Cinearte".

— Com muito gôsto!

Volvidos cinco minutos Zita oferecia-me as fotos que ilustram esta entrevista, dizendo-me:

— Diga aós leitores de "Cinearte" que eu não sou tão gorda como estou nessa foto em que estou de "maillot".

— Descance que não me esquecerei.

E despedi-me de Zita com amigavel Shak-hands, trazendo comigo uma agradavel recordação desta interessante palestra com uma das mais populares stars portuguesas.

E já no fundo da escada do hotel, ainda ouvi a sua graciosa vozita.

— Que não sou tão gorda, ouviu?

Ouvi e ficarei ouvir por muito tempo a ouvia sua meiga voz e não me esquecerei tão cêdo do seu clarabownesco sorriso e das suas graciosas perrices.

William Haines conta alguma cousa da sua vida

(F I M)

tos de pancadaria, acompanhando o pianista, um irlandez cabello de fogo, e o violista chinez — a combinação mais exdruxula que já se viu.

Quando não havia dois ou tres "sururús" no correr da noite, a coisa parecia-nos desenchavida. A nossa clientella não podia passar sem taes passatempos. Uma noite entrei em disputa com um rapaz italiano que me feriu com um estilete, de que conservo ainda no peito a longa cicatriz. Mas tudo isso era de esperar — fazia parte da brincadeira.

Subreveio então o incidente da villa.

Não havia ali abastecimento de agua nas condições, e o fogo levou dias e dias a queimar, casa a casa rua a rua. Durante aquellas noites rubras, eu dormi numa cadeira de barbeiro e curti fome.

Creio que não ha rapaz nenhum que não tenha sentido uma vez na sua vida o desejo de tentar fortuna em New York. Vendo o nosso "dance hall" reduzido a cinzas, eu puz a caminho do Norte. O meu primeiro emprego na cidade foi na Kenyon Rubber Company, onde me pagavam 14 dollares por semana. Eu gostava do barulho e da agitação que encontrara ali, mas a minha primeira estadia foi logo interrompida.

Meu pae soffrêra ultimamente serios embaraços pecuniarios e, por cumulo de desditas, perdera tambem a saude. Mamãe vendera a casa em Staunton e a familia mudara-se para Richmond. A maior parte do dinheiro foi-se com o medico e os remedios e a situação era das peores. Para aggravar esse estado de coisas, annunciava-se mais um filho. Tornava-se, pois, absolutamente necessario que eu voltasse para auxiliar a manutenção da familia. Richmond não era dos logares em que se pode encontrar trabalho com facilidade, e o melhor que pude encontrar foi o emprego de caixeiro numa casa de generos comestiveis por atacado. Era apenas 7 dollares por semana, mas mamãe trabalhava como arrumadeira e ia-se assim vivendo.

Logo que papae ficou bom de novo, eu parti para New York. O Sul parecia-me agora muito acanhado e provinciano. Sentia-me ali descontente e desassocegado todo o tempo. Depois de haver experimentado uma grande cidade, outra coisa não me satisfazia.

De regresso a New York, um dos meus primeiros trabalhos, foi como caixeiro num "magazin".

Eu vendia roupa de mesa e pescava conversas sobre Madeiras e "importações da Irlanda". Não me demorei longo tempo nesse emprego. Passava muito tempo conversando com as freguezas e por esse meio colhi uma bôa somma de informações.

Dali passei a trabalhar na firma correctora S W. Strauss & C., onde entrei como continuo sendo promovido depois a auxiliar de guarda-livros. Durante o anno e pico que trabalhei ali, passei um vidão. Eu morava numa pensão, onde habitavam tambem tres rapazes, excellentes companheiros. Um delles servira na grande guerra onde recebeu ferimentos que lhe davam direito a uma indemnização. No dia em que esta veio, foi um mez "colosso". O outro era filho de uma importante familia de Boston e dono de um vasto guarda-roupa. Por felicidade minha, o meu corpo era exactamente o seu e, eu que não trouxera da Virginia sinão a mais precaria indumentaria, servia-me do seu stock á vontade, desde os sapatos até o chapéo. Esse rapaz ainda hoje é meu amigo e o meu "fiança" na M.-G.-M.

Com toda aquella minha magnifica "encadernação" de emprestimo atirei-me a vida noturna. Dinheiro, eu não tinha, mas tambem não precisava. As "farras" eram sempre com pequenas coristas e ellas eram generosas com o dinheiro dos "coroneis" que se reuniam ao bando.

Foi nesse periodo da minha que conheci a mulher que teve prepoderante influencia na nova direcção da minha existencia. Ha tres mulheres de que nunca me esquecerei, pelo muito que ellas representaram na minha vida. A primeira, já se vê, é minha mãe. A segunda é aquella a quem me referi. Fui-lhe apresentado pelo tal amigo de Boston. Elle a conhecia daquella cidade e de cuja boa sociedade fazia parte a sua familia. Era uma creatura de encantos, culta e um espirito de estheta. Eu tinha 20 annos e ella se approximava dos 40; mas a differença de idade não importa. Com ella eu me iniciei na boa literatura e afinei o meu gosto na musica. Senti abrir-se deante de mim um novo mundo. Foi com ella que eu aprendi que uma pessoa póde ser desculpada pela falta de letras mas nunca por falta de bom gosto.

Não sei por que esse romance não teve duração; talvez, quem sabe? a differença de idades afinal influisse no caso. Póde ser que a constancia não seja uma das minhas virtudes. O facto é que nos separamos, para nos encontrarmos de novo em Hollywood, e em circumstancias bem estranhas. Falarei disso mais tarde.

Absorvido demasiado por ella, perdi o meu emprego na firma Strauss. As coisas não me correram com facilidade, nesse meio tempo, mas eu ganhava algum dinheiro servindo de modelo para illustração de annuncios.

Um dia, descendo pela Broodway, notei uma mulher a me olhar com persistencia. Depois, approximando-se de mim, ella me perguntou si eu gostaria de trabalhar no cinema. Homem, pensei eu, alí esta va qualquer coisa de novo.

A minha interlocutora era Bijon Fernandez, que andava a caça de competencias novas para Samuel Goldwyn. Tomei emprestadas algumas roupas ao meu amigo, fiz photographar e apresentei-me a um concurso de "Caras Novas". Não esperava que disso resultasse qualquer coisa de aproveitavel, mesmo porque até então nunca pensei em cinema.

Por isso mesmo, ninguem no mundo teria maior surpreza do que eu, quando recebi a communicação de que havia sahido vencedor no concurso. Assignaram um contracto commigo, mas só tres mezes depois deixei New York. Nesse entrementes continuei a "posar" para annuncios e a viver a antiga vida.

Creio que uma das mais estraordinarias aventuras da minha vida foi a que me aconteceu numa festa do Studio, nas vesperas da minha partida para Hollywood. Havia muita gente na reunião e eu me sentára junto de uma pequena que até então nunca vira. Vestida com simplicidade, ella tinha um ar de pureza e domestico. Falamo-nos e eu soube que ella tambem havia ganho um concurso de "Caras Novas", tendo assim uma opportunidade para a carreira cinematographica. O seu nome era Eleanor Bordman. O facto de termos chegado ás portas do Cinema ao mesmo tempo creou talvez laço de amizade entre nós. Tivemos as mesmas lutas de começo, soffremos as mesmas amarguras e decepções. Desde então, Eleanor ficou no numero dos meus melhores amigos. Tenho por ella uma admiração sem limites.

Finalmente, depois de semanas de espera, fui notificado que devia seguir para Hollywood. Recebi um contracto de 40 dollares por semana, uma passagem num trem do Oeste, e comecei, assim, uma vida completamente nova. Fui a um bom alfaiate e comprei um terno de roupa. A moda ingleza dos palitots curtos e calças largas acabava de ser introduzida, e eu fui dos primeiros a usal-a. Era, aliás, a unica roupa decente que eu possuia.

Atravessando o continente apanhei um tremendo resfriado, que me poz o nariz como um tomate. A poeira alcalina do deserto arrancou-me toda a pelle dos labios, e foi nesse estado lamentavel que apeei em Los Angeles. Tenho sempre pensado no desapontamento que deve ter causado a minha cara avariada no Studio, onde se esperava um Valentino. Os meus joelhos batiam um no outro, tanto tremia eu de medo; mas reuni coragem bastante para annunciar: — "Sou o novo premio de belleza".

ASSIM FALOU O MUDO

(F I M)

Algemados os ladrões, volta-se Babbing para o Sr. Meredith, pae da menina resgatada, e diz-lhe:

— Este é o garoto, meu amigo, a quem devemos o exito desta empreza — e apresenta a ladino Barney Cook.

— Obrigado, meu menino-homem! Vou mandar pagar-lhe dez mil dollars de gratificação pelo serviço que me prestou!

Barney passa a mão pelo pescoço de Peggy e diz-lhe:

— Agora sim, vou comprar um automavel para nós dois passeiarmos!... Acceitas, Peggy?

FUTURAS ESTRÉAS

(F I M)

fama. Ou — quem sabe? — o definitivo esquecimento. Para o publico porque Gloria tem sido muito importante no Cinema. Tem havido momentos na sua carreira, atravez de muitos e soffriveis films dignos de uma grande artista dramatica e o que é mais importante de uma grande artista dramatica "yankee". Si "The Trespasser", drama pesado que trata do velho thema da pequena pobre, honesta e formosa que se vê nas malhas de millionarios, fosse um film silencioso provavelmente pouco adiantaria para a sua carreira de grande estrella.

Mas a maior surpreza do microphone espera por vocês. Gloria Swanson tem uma voz que a habilita a vencer Diante mesmo da invasão dos talentos theatraes. Ella sabe cantar tambem! Os films sonóros darão a Gloria um logar com o qual ella nunca sonhou. Por isso

A. Doret na Exposição de Horticultura

A. Dorét, o perfumista da elegancia carioca, teve na secção de Floricultura e Industrias Affins da 1a Exposição Nacional de Horticultura o mostruario reproduzido pela gravura acima, com varios dos finissimos perfumes de seu fabrico, com flores brasileiras, e perfumes que offerecem já séria concorrencia aos similares estrangeiros.

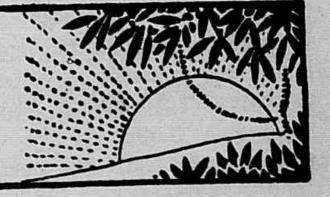
mesmo é que a gente lamenta não ter o presente film uma historia com mais opportunidades para o seu talento de comediante.

THIS MAD WORLD: — Estamos novamente ás voltas com a Guerra de 1914. Desta vez a tragedia tem logar na fronteira da Alsacia Os heroes são uma princeza allemã e um espião francez. Traça uma luta tremenda de amor e patriotismo. O film foi produzido para ser sombrio e tragico, e as situações são interessantes emquanto a gente as toma á serio. Mas as platéas de Cinema, não estão ainda acostumadas com as scenas amorosas com dialogação, e Basil Rathlibone não sabe ser um apaixonado. Kay Johnson faz a princeza com grande sympathia. Louise Dresser porém, é quem tem o melhor desempenho.

O QUE SE EXHIBE NO RIO

(F I M)

Jannings para representar á seu modo.

Emquanto Emil obedece ao director e não representa vae tudo muito bem. Mas quando elle scisma em mostrar que é um assombro, um rival de Zaconi e de outros horriveis figurões do palco, é um Deus nos acuda! Tome caretas pr'a cima da gente! Tome expressões estudadas! Tome attitudes convencionaes!

E' um nunca acabar de scenas de dramalhão. Elle o homem bom, chefe de familia exemplar, expulsa a filha de casa, casa-se com uma *cocotte* e torna-secontraventor da Lei da Prohibição fabricando bebidas alcoolicas falsificadas.

Enriquece, e o seu filho é a unica victima das suas bebidas falsificadas; e acaba como começou — como *garçon.*

A sequencia final é a sequencia mais carregada de *Lohum* que tendo visto ultimamente. O que vale é que Ludwig Berger não abandonou tudo. Segurou um pouco as imagens em debandada diante da extraordinaria arte de Emil Jannings.

Ruth Chatterton e Zasu Pitts têm os dois melhores desempenho do film. A primeira imprime traços humanos ao seu antipathico papel. Zasu é a nota tragica com a necessaria sobriedade. Barry Norton não se compromette quando o trabalho é simples.

Mas nas scenas em que perde a vista torna-se rival de Emil Jannings... Gean Arthur, Jack Luden, Matheu Betz, Arthur Hourmann e Franck Reicher completasse o elenco Em conjuncto é um bello film.

CINEMA BRASILEIRO

publico, porque a unica estrella verdadeira era ella propria. Pode ser. Mas o trabalho de Olivette em "Veneno Branco" deixa ver justamente ao contrario.

Pesada de mais para o papel que posou, além de não ser typo para cinema, trabalha tão mal quanto se veste.

Gina Cavallieri, no pouco que apparece, rouba o filme, podendo-se considerar o unico trabalho bom, e o unico elemento photogenico de todo o elenco.

Os outros artistas, quasi todos os elementos de theatro, deixam muito a desejar.

Antoine Cassal é um actor de theatro que se especialisou nos papeis de cocainomanos. Mas no cinema, a sua representação além de exaggeradissima, é ridicula.

O galã Odilon Azevedo tem alguma naturalidade, mas a maquillagem é má como quasi de todos os artistas.

"CINEARTE" DISTINGUIDA PELA CIA. ANTARTICA.

E' excusado fazer-se o elogio dos productos da Companhia Antarctica Paulista, cujas cervejas, guaranás, agua tonica, sodas, etc., são famosas em todo o paiz e mesmo fóra das fronteiras nacionaes. Registramos apenas, como necessaria communicação aos apreciadores da bôa cerveja, a nova marca lançada pela Antarctica nos mercados, com o nome de "**Bohemia**", e que se recommenda pela sua levesa, pelo seu agradabilissimo sabor e pela sua limpidez de esmeralda sem jaça. "CINEARTE" teve o prazer de experimentar a "**Bohemia**", graças á gentileza captivante da Antarctica, que presenteou a esta revista com duas duzias de sua nova cerveja.

Carlos Machado e Armando Braga não são typos para cinema. Salvador Paoli que se não nos enganamos já posou em "Patria e Bandeira" ou num outro film nosso, não convem como dectetive. E Alfredo Silva como chefe de policia chega a fazer rir.

Ha muito tempo que não vemos um filme attentar tanto contra as leis dos typos como este.

A parte photographica deixa muito a desejar e as figuras apparecem quasi sempre cortadas.

L. Seel tem certa notação de especie de material cinematographico que agrada ao publico.

Os exteriores escolhidos com gosto. Locaes bonitos. Paysagens bem cortadas. Com arte. Com collocação de machina. E só.

Vamos esperar a proxima producção de L. Seel, e vamos de uma vez para sempre, banir do nosso cinema estas filmagens de filmes scientificos. Vamos fazer cinema puro. Cinema arte. Não mais cavações mascaradas explorando os sentimentos impuros de certa classe de publico.

Offs. Graphs. d'O Malho